PARA TODOS...

Depois de uma alegre noitada—

depois de ter bebido e fumado em excesso, amanheceu com dôr de cabeça, mal estar e depressão.

Ah, como o alliviaram, então, devolvendo-lhe as forças, o bem estar e a alegria, dois comprimidos da nobre e excellente

CAFIASPIRINA

BAYER

CAFIASPIRINA

Incomparavel, tambem, contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

"a minha melhor companheira"!

Dialogo

— Ahi vae Madame Lins ... Não a conheces ?

— De nome, apenas. Mas, que ! Aquella enormidade de pés inchados ?

— Podre de rica, meu caro ! O que não impede pareça um cachalote fóra d'agua... Repara como os pés de arminho e seda vão cautelosos, a pisarem sobre trezentas duzias de ovos ou cinco armarinhos de agulhas ! Coitada... Necessita quasi de um guindaste para poder andar...

— Nós não somos maldizentes. Mas vê-se cada monstrengo neste mundo ! Olha lá, Symphronio, aquella bonequinha de "biscuit", que palheta de tintas ! E' a filha do Lopes... Dizem horrores della, aqui entre nós !

— E' filha do Lopes ? Aquelle anão, cunhado do Caldas, nosso velho conhecido ? A proposito, como este ultimo engorda a olhos vistos ! Que perfil de babirussa tem elle ! Que typo...

— E' verdade ! Está immenso, o Caldas. Se o rachassem pela barriga, sahiria della, certamente, o estado de Minas em peso, representado por perfumados queijos e saborosos requeijões. Não sae das confeitarias, o guloso...

— E' um Deus nos acuda ! E que soberba caréca ! Cada vez mais alvirosada e luzidia ! Eis ahi, Polycarpo, um sujeito que vem comprovar, pela obesidade, a lei de que tudo no universo tende a ser redondo, conceito dos astronomos e dos... comilões !

— Tem graça... Mas, olha bem, Symphronio, quem vem sahindo do cine Odeon ! Aquelle famoso idiota mettido a espirituoso, e capaz de fazer chorar até as victimas do gaz hilariante... Que virá elle farejando ? Suas eternas anecdotas sem graça nenhuma, com certeza... Tolo !

— Hum... Esse que ahi vae, todo cheio de si, estás vendo ? Esse magro, da barbicha, tem uma esposa bem bonita, e uma fortuna solida... Caboclo de sorte !

— Pois não parece... Como se veste mal ! Que fatiota réles !

— E' para veres, meu caro. Tem de seu, o jéca. Um sitio em Friburgo, onde mora a mulher, numa moldura desconxavada de cravos e repolhos...

— Como assim ?

Cultiva as duas cousas ao mesmo tempo ! Que azemola sem gosto e sem elegancia ! E' o verdadeiro perfil do novo-rico...

— Conheço um assim. Mal sabe lêr e escrever, e tem milhares de contos ! Quando ri, que riso implicante ! assobia á moda dos macacos... Uma caricatura, afinal !

— E ainda querem, depois disso, que a gente não fale mal dos outros... Contrasenso, não é, Symphronio amigo ?

— Pura falta de assumpto, Polycarpo !

MARINA COELHO CINTRA.

Montanha de Milhões

Prentiss Middleton estava sentado no seu escriptorio, que a casa Bigelow, Wayne and Co. lhe destinava, emquanto contemplava, pensativo, os edificios de Wall Street que se erguiam na calçada opposta. Mesmo em frente á sua janella, e entre arranha-céos gigantescos que ostentavam pomposamente o nome dos centenares de emprezas que os povoavam, havia um modestissimo edificio, de planta baixa e que não tinha mais de dois andares. Na parte superior e central da porta, havia uma simples legenda: "Starrett and Co."

Nem mais uma palavra. Starrett & Cia. estavam ali ha cincoenta annos, e continuariam estando durante outros tantos.

Prentiss Middleton, trabalhando no seu escriptoriozinho fronteiro, imaginára-se muitas vezes compondo um cartão commercial para a formidavel firma Starrett and Co.: "Reorganização de Estradas de Ferro, vigorização e rejuvenescimento de industrias em bancarrota; companhias de trusts, companhias de seguros e bancos, vendem-se e compram-se".

E com tudo isto, ainda não se descreviam exactamente as suas multiplas actividades. Se o negocio era grande, immediatamente Starrett & Cia. entravam nelle, e não tardavam em ficar com tudo. Uma empreza podia ser pequena demais, para os interessar; nenhuma era grande demais para isso. A Associação Industrial de Algodão. A Companhia Nacional de Transportes, o Serviço Intercontinental de Aviação tinham chegado, a seu tempo, ás mãos de Starrett and Co., tinham passado diversos na sala morna, a sala de vapor e a ducha fria, para emergir, por ultimo, irradiando vitalidade e juventude. Algumas destas cousas tinham chegado ao conhecimento de Prentiss Middleton durante os dois annos em que occupára o posto de secretario-ajudante de Bigelow, Wayne and Co. E outras, adivinhava-as. O effeito resultante era que acabava por contemplar a figura rechonchuda que occasionalmente divisava na rua, com um respeito proximo á reverencia. Muita gente tomaria Oliverio Starrett por um mestre-escola de provincia, ou um miserrimo empregado que, ha varios mezes não recebia o seu ordenado. Vestia com desalino, e a sua physionomia parecia suave e benevola. Mas Prentiss conhecia bem Oliverio Starrett e não hesitava em taxal-o de napoleonico.

Este qualificativo apparecera-lhe, ao cabo de vinte mezes de vida financeira. Conhecia Oliverio Starrett desde ha muito. E conhecera-o, como o gentil e bondoso pae da donzella que tencionava, um dia, desposar. Mas, quando a sua intervenção como empregado da casa Bigelow, Wayne & Cia., levára-o ao conhecimento de factos, circumstancias e contas correntes, sentia-se desconcertado. Porque Starrett occupava, em seu campo de acção, um logar muito proximo ao mesmissimo centro.

Apezar de Jean Starrett ter sómente dezessete annos, e, portanto, meia duzia menos do que elle, parecia a Prentiss que se tinham conhecido sempre. O facto dos Starrett terem conseguido uma grande fortuna e dos Middleton serem quasi pobres, não tinha a menor importancia para o joven par. Uma só cousa o tinha: amavam-se. Sentiam-se mais felizes do que nunca, em companhia um do outro, e a sua amisade transformara-se, insensivelmente, em amor. Deste modo, nada mais os preoccupava. Prentiss voltou para o seu gabinete, com um suspiro. O problema que se lhe deparava, parecera-lhe de muito facil solução até pouco. Amar e casar-se; isto se lhe apresentára como um raciocinio bastante logico, até a montanha de milhões dos Starrett se interpôr entre elles. Tarde ou cedo, a propria montanha de milhões de Prentiss começaria tambem a crescer; mas, antes disso, as semanas formariam os mezes, e os mezes, os annos. E o rapaz começava a se cansar da espera. O seu caracter nunca o deixára imaginar que, na qualidade de genro de Starrett, podia muito bem começar por cima e não pelo degrão mais baixo da fortuna. Tinha firmes tenções de abrir caminho por seu proprio esforço.

Se não fosse por causa de Carol Perkins que, segundo as más linguas, queria Prentiss para ella mesma, o romance da filha do capitalista e do secretario teria progredido até uma conclusão feliz. Cedo ou tarde, o joven par ter-se-ia cansado de esperar. Cedo ou tarde se teriam exposto á mercê de Oliverio Starrett, e este ultimo, approvando de muito boa vontade, a escolha de sua filha, e, possuindo mais dinheiro do que necessitava, teria removido todas as difficuldades, garatujando, simplesmente, algumas palavras num cheque.

Depois disto, Jean Starrett se teria transformado na senhora Prentiss Middleton, e teria sido, a julgar pelos antecedentes, muito feliz, desde então. Mas ali estava Carol Perkins.

— Querida — murmurou, tomando uma chicara de chá — parece-me uma cousa assombrosa e emocionante. — Carol tinha apenas dezesete annos, isto é, dois mezes menos que Jean; mas possuia uma sabedoria social, muito superior á commum, na sua idade. — O rapaz pobre e a herdeira rica. Não achas esplendido?

— Sim — concordou Jean.

Suas faces se avermelharam intensamente. A metade do prazer derivado de um noivado secreto consiste em compartilhal-o com discretas amiguinhas. Acabava de contar á Carol o que a esperta rapariga desconfiára já.

— Não tem um centavo, e vaes-te casar com elle — proseguiu Carol, em seu plano de combate. — Não terás criadas; morarás num pequeno appartamento; terás que cozinhar, remendar, lavar e fazer sósinha todo o trabalho da casa.

— Nunca pensei nisso — confessou Jean, candidamente. Levantou inconscientemente os graciosos hombros. — Mas, se outras raparigas o fazem, eu tambem posso fazel-o.

— Com a tua educação ? Com a vida que tens levado até agora ?

— E que ?

— Até agora, tens tido criadas que fizeram tudo para ti; desde os seis annos, uma camareira para ti só, que te preparava todas as cousas. Achas que poderás passar sem ella ?

— Pelo menos, podia experimentar.

— E seria sufficiente ? Sinceramente, Jean: sabes estrellar um ovo ?

Jean riu alegremente.

— Se o estrello — declarou com segurança, — Prentiss o comerá.

— Quantas vezes ?

— Palavra, Carol, — gracejou a rica herdeira, — não pensava que um ovo estrellado se pudesse comer mais de uma vez.

Carol moveu a cabeça, irritada.

— Não tomes o caso em burla ! Tudo irá muito bem, durante a primeira semana, ou mesmo durante os primeiros mezes. Conheço outras moças que procuraram fazel-o. Parece tão attrahente, tão facil, tão divertido... em theoria ! E depois... querida, conheces a tristissima situação da dona de casa que não tem quem a ajude ? Lavaste, alguma vez, uma pilha de pratos que, na noite anterior, estavas muito cansada para limpar ? Abandonaste alguma vez a cama quentinha, numa fria manhã de inverno, para ir preparar o café ? Remendaste, alguma vez, um par de meias ?

— E tu ?

— Não — respondeu a amiga; — mas ouvi o que outras contavam a este respeito.

— Pois, se ellas viveram para contal-o — redarguiu Jean,— acho que eu tambem viverei. Lembro-me que minha avó costumava fazer essas cousas só, e ella não se sente envergonhada de falar nellas agora. E não lhe fez mal nenhum. Como não me fará tambem a mim. De qualquer maneira — concluiu valentemente — Prentiss não tardará em fazer carreira.

— Essa é justamente uma das vantagens do seu casamento — commentou seccamente, Carol. — Póde avançar, de um só golpe, para cima.

— O que dizes não é leal.

— Por que não ?

— Prentiss não é assim tão pobre.

— Como não ?

— Tem auto.

— Têm-n'o chamado com varios nomes — admittiu Carol; mas nunca ouvi dizer "auto" a esse vehiculo.

— Sua familia vive num bairro muito aristocratico e decente.

— Não — contradisse a persistente amiga. — E' aristocratico, quando se dobra a esquina; mas elles moram na parte da esquina que ainda não o é. Ali, o aluguel é mais barato.

— Veraneiam invariavelmente todos os annos.

— Sim... quando são convidados para passar um "week-end".

— Carol, que estás procurando fazer ? — perguntou Jean. — Diminuir os meritos de Prentiss ? — E os seus olhos faiscaram, perigosamente.

— Ao contrario — protestou Carol. — Prentiss é um rapaz excellente, e todos gostam delle. Mas, se casares com elle, tens de andar muito devagar.

Póde muito bem fazer carreira; mas, se não o fizer ?

Pela primeira vez, Jean pareceu vacillar.

— Bem — confessou ; — neste caso, tenho o Papae.

— Ah ! — exclamou a amiga. — Eu te esperava nesse ponto ! Não achas que Prentiss o saiba ? Tu arrisca a miseria, casando-te com Prentiss; elle, porém, não, estou bem certa !

Os dezesete annos e a candura de Jean tinham-n'a levado a discutir os seus problemas mais intimos com Carol; mas esta ultima phrase ultrapassava já os privilegios de qualquer amizade. Jean tomou rapidamente uma attitude digna.

Carol — lembrou — mudemos de assumpto.

Porém a flexa tinha chegado ao alvo, e o veneno começou a produzir effeito. Durante o resto da tarde, não poude pensar noutrà cousa. Nunca lhe occorrera que Prentiss pudesse ter motivos menos claros do que os que apparentava. Isso era ridiculo, absurdo, mas, uma vez infiltrado em seu cerebro, era tambem inquietante. Outros homens se casavam, por dinheiro; porém ella collocára Prentiss em uma categoria àparte e superior. Era impossivel que Prentiss contrahisse matrimonio por dinheiro. Mas, que certeza tinha ella, afinal, dessa impossibilidade ?

Emquanto se vestia para o jantar, discutiu comsigo mesma. Quanto mais reflectia, mais se via longe de uma conclusão, e mais se irritava contra si mesma. Entrou na sala de jantar, tomada de uma colera fria, furiosa contra quem, não sabia. Durante toda a refeição, guardou um silencio quasi completo.

Oliverio Starrett, observando a filha, pensou que, aos dezesete annos, os accessos de colera silenciosa são muito communs, e de esperar, de modo que concentrou sua attenção num vinho francez que o seu contrabandista acabava de trazer-lhe.

Quando o mordomo annunciou que chegára o Sr. Middleton, o pae pensou, e com razão, que a presença do rapaz dissiparia as espessas nuvens que velavam a fronte de Jean. Isso, embora a expressão do rosto da menina não o fizesse esperar, nesse momento.

Jean sentia firme vontade de fazer Prentiss passar pela prova do fogo. Amava-o profundamente. Mas nem mesmo o amor deve ser cégo. Não que duvidasse ! Longe della toda a duvida ! Mas o mundo tem o costume de apresentar as cousas sob um aspecto muito feio e indesejavel. Assim pensava Jean, emquanto acompanhava Prentiss até a sala de musica.

(Termina no proximo numero)

Percival Wilde

Clinica Medica de "Para todos..."

GAGUEIRA

A gagueira é o modo difficultoso de pronunciar as palavras, sem existir, entretanto, defeito algum, no apparelho da phonação.

A perturbação funccional de que resulta a gagueira é puramente nervosa. E, por isto, havendo firmeza de vontade, poder-se-á, com o emprego de um methodo adequado, modificar o mecanismo da dicção, ao ponto de tornal-a perfeitamente normal.

O **Dr. Colombat** aconselha ao gago que antes de emittir a palavra, faça uma profunda inspiração, absorvendo grande quantidade de ar; depois, recolha a lingua para traz, de modo que a sua ponta chegue ao céo da bocca; ao mesmo tempo, estenda os labios, no sentido transversal, para que sejam afastadas as commissuras labiaes; e, em seguida, fale rythmicamente e sem a menor precipitação.

O methodo do **Professor Itard** consiste em collocar debaixo da lingua um pequeno instrumento de prata, recommendado ao gago que, ao pronunciar as palavras, afaste a lingua, o menos possivel, do céo da bocca.

O systema do **Dr. Serre** tem, como fundamentos, os seguintes principios: vontade firme, intervallos iguaes entre as syllabas e movimentos dos braços que o individuo gago deve impellir para deante, a cada emissão de som. Todas as syllabas devem ter sempre a mesma duração e devem ainda ser bem articuladas e bem ligadas entre si. Finalmente, ao pronunciar as palavras, deve o gago applicar, sobre o labio inferior, o dedo index de uma das mãos.

Segundo o processo do **Dr. Violette**, a gagueira póde ser corrigida, unicamente pelo rythmo ou compasso da dicção. Basta que o individuo gago emitta as syllabas rythmadamente, batendo palmas compassadas e obrigando a pronuncia das syllabas a ficar em synchronismo com essas palmas. Por conseguinte, as syllabas devem ser proferidas isoladamente e acompanhar, com a maior exactidão, o compassado bater das palmas.

Finalmente, o systema do **Professor Chervin**, de Paris, tem, como fundamentos, o rythmo, a ordem e a precisão, que o seu autor impõe aos que desejam o tratamento, o qual não é nada mais do que a execução de umas particulares formulas de pronuncia, com lentidão compassada e rigorosamente calculada.

Qual desses processos deve ter a preferencia ?

Theoricamente não é possivel concluir a respeito da superioridade de um methodo sobre os outros, visto como todos elles têm produzido excellentes resultados; e, apenas experimentando-os e procurando adaptal-os ás condições personalissimas de cada individuo que procura corrigir a dicção defeituosa, é que poderemos ser uteis a quem exhibe tão desagradavel anomalia da phonação.

CONSULTORIO

A. V. (São Paulo) — Siga um regimen alimentar adequado, fazendo tanto quanto possivel, exclusão de toucinho, manteiga, azeite e outras gorduras, massas alimenticias, farinaceos, doces e todos os productos assucarados. Carnes em geral, pouco arroz e pão, hortaliças, saladas crúas, fructos assucarados, um pouco de vinho leve, leite desnatado e matte deve ser a sua alimentação. Nada de cerveja. Substitua-a pelas aguas mineraes magnesianas, usadas nos repastos e nos intervallos dos mesmos. A medicação fica limitada á "Iodalóse Galbrun". — vinte gottas num calice de vinho, no meio de cada refeição principal. Banhos frios geraes, pela manhã, banhos de sol e de luz, exercicios de gymnastica sueca e grandes passeios a pé completam o tratamento.

DUZENTOS (Bello Horizonte) — Use, pela manhã e á noite, "Sedosine", numa chicara de infuso de melissa. Alternadamente use, depois de cada refeição principal, num dia, 2 confeitos de "Ibogaine Nyrdahl" e, no outro dia, 2 comprimidos de orchitina. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com o "Nuclearsitol Robin".

LEITORA (Rio) — Internamente use "Panlacto Midy" — uma capsula num pouco dagua assucarada, depois de cada refeição principal. Externamente applique em massagens: bichlorureto de hydrargyrio 5 centigrammas, chlorhydrato de ammoniaco 1 gramma, hydrolato de amendoas amargas 8 grammas, alcool a 60 gráos 8 grammas, emulsão de amendoas amargas 250 grammas.

VAIDOSA (Nictheroy) — Póde usar, para os cabellos alternadamente, em cada semana, as formulas seguintes: 1ª, sulfato de ferro 2 grammas, vinho tinto 120 grammas (o vinho, com o sulfato pulverisado, deve ser posto a ferver, durante alguns minutos); 2ª, essencia de alfazema 5 gottas, tintura de cascas verdes de nozes 125 grammas.

J. E. C. (Taubaté) — No seu caso tem inteira applicação o brocardo popular "quem espera sempre alcança..." Que impaciencia ! Continue com a medicação prescripta. Pois não vê que uma diathese não póde ser debellada em poucos dias ?

DR. DURVAL DE BRITO.

Perfumaria Carneiro

A conhecida e conce'tuada Perfumaria Carneiro, de propriedade dos Srs. Carlos Carne'ro, Hugo Carneiro e Tharcilio Nascimento, sob a razão social de Carneiro, Nasc'mento & Cia. Ltda.; inaugurou, no dia 22 do mez passado, uma Filial, nesta Capital, s'ta á rua do Ouvidor, 138.

O acto inaugural, que se revestiu de toda a solemnidade, teve a presença do representante do Exmo. Sr. Dr. Mel'o Vianna, v'ce-presidente da Republica; de Senadores, Deputados, representantes da imprensa, commerciantes e grande numero de senhoras e senhoritas da nossa "élite". A's 14 horas, teve logar a benção do pred'o, dada pelo il'ustre Monsenhor Maxim'ano da Silva Leite, capel'ão do Convento de Santa Thereza. Foi, em segu'da, servido aos presentes, "champagne" e um lauto "lunch", sendo depois franqueado ao publ'co o novo estabelecimento, que vem concorrer para o progresso do nosso alto commercio.

Dentre as varias e bellas expos'ções de afamados artigos, destacava-se a do Sabonete "33", que, como producto geralmente apreciado e recommendado, pe'a nossa sociedade, não poderia faltar em estabelec'mento dessa ordem.

Fel'citamos a firma Carneiro, Nasc'mento & Cia. Ltda., augurando as maiores prosperidades á sua Filial.

Para todos...

MARIA BASHKIRTSEFF

por IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

PIERRE BOREL por um lado e Albérie Cahnet por outro, emprehenderam a generosa tarefa de immortalisar a figura altamente interessante de Maria Bashkirtseff. Esta artista russa tão genial, que impressionou profundamente os meus travessos quinze annos, encontrou nesses escriptores dois propagandistas apaixonados, quasi fanaticos. Ambos num afan incansavel de missionarios, colligiram-lhe as cartas, as folhas esparsas e menos conhecidas, os retratos, lançando-os pelo mundo sem esperar outra recompensa a não ser de tornar comprehendida essa ardente e pallida moça que a morte roubou em pleno sonho de belleza, fortemente demonstrado.

No Brasil poucos lhe sabiam o nome, e quando eu com a recordação despertada em mim pelo fulgor do seu talento, me referia a ella, notava uma certa admiração ou talvez mesmo um ar de incredulidade, facil, aliás, de desculpar. Maria vivera sempre em Paris; em Paris o seu espirito se desenvolvera e impregnara de arte; em Paris, aprendera a ser vaidosa, a ser chic a ser mundana; em Paris, sentira como em parte alguma, sobre as faces emocionadas, o beijo inflammado da gloria. Era pois natural que Paris atiçasse a chamma que a haveria de celebrisar.

Entretanto os anseios sublevando o fragil peito de Maria, causaram mais pasmo do que encanto, por serem successivos e insoffridos demais para a sociedade onde ella se movia os poder estimar. A sua sede de notoriedade, minava-lhe o organismo combalido pela molestia, e como toda a creatura que tem a certeza de viver pouco, ella debatia-se em impaciencia e desespero, afim de attingir na juventude o cimo electrisante onde a Gloria sorri e promette. Gladstone percorrendo as paginas do seu diario, abrazadas por um sopro de febre continua, exclamou surprehendido:

— "Esta moça foi um ente prodigioso".

Entretanto examinada atravez das suas confissões, ella apparece-nos um tanto differente do que deveria ter sido. Ha ali um mixto de candura, de irreflexão, de caprichos entrechocando-se e desnorteando-lhe a physionomia tão attrahente e original. Como succede com todos que se destacam da vulgaridade, a vigança e a calumnia nem sempre a pouparam, mas Maria pouca importancia lhes deveria ter dado, embora uma vez ou outra a sua razão libertada da rede scintillante que a desorientara, tivesse ampejos colericos, velozes como relampagos.

A criança a quem a cartomante diagnosticara um futuro radioso, não suppoz de certo, nem mesmo nos momentos mais exaltados, que a sua obra produziria um dia um tão immenso sulco de admiração pelos paizes onde se lê e se medita. A sua precipitação de attingir o sonho que fazia fremir, a sua avidez de conservar no mundo um logar insubstituivel, deveria, se o pudesse adivinhar, tel-a consolado dos dissabores e das decepções por que passou. Apesar desta fama retumbante, a mãe della viveu numa angustia que dia a dia se reproduzia tornando-se mais intensa e atroz. O seu soffrimento não se calmava receando novas lendas que mais uma vez tentassem macular a personalidade adoravel de Maria. Edmundo Goncourt escreveu uma peça theatral; a Madame Bashkirtseff, algumas vozes perversas communicaram ser a heroina a imagem exacta da filha. Foi necessario um desmentido formal do escriptor para suavisar-lhe o coração sobresaltado.

Henri Bataille compoz outra, e eis de novo o coração materno a tremer que essa estravagante heroina tivesse a ousadia de assemelhar-se a sua pobre morta. Hoje, a velha senhora foi acompanhar no sepulchro aquella que tão enternecidamente amou e tão profundamente a fez padecer.

Emquanto Cahnet e Borel como semeadores infatigaveis vão espalhando a obra desse espirito privilegiado, onde os sentimentos mesquinhos nunca se accenderam, impedidos pela grandeza dos seus ideaes, eu sinto como outr'ora, por elle, o mesmo enthusiasmo, a mesma sympathia e a mesma dolorosa compaixão.

Imagens de Santa Teresinha

(Notas de uma viagem a Lisieux) de Ribeiro Couto

Dos retratos de Santa Theresinha, o de 1886, tinha ella 13 annos, é que mais me encanta. Nesse tempo ella se chamava Maria Francisca.

"Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher".

Seus cabellos, presos por uma fita no alto da cabeça, rolam pelos hombros. Ella sorri com candura, muito levemente. Por baixo do queixo largo (um queixo energico, expressivo de força de caracter) apparece, espumando sobre a gola do vestido escuro, um friso de renda alvissima de Alençon.

Sinto-me ás vezes conversar com Santa Theresinha, mas essa, a dos 13 annos.

— Tem estudado muito?

— Ando um pouco vadia.

— —Sim? Não acredito!

Rimo-nos. A conversa é nas grades do parque dos "Buissonets". E eu fico sem saber, entre as rosas do jardim, si Machado de Assis teria sido capaz de escrever aquelle verso, si conversasse, como eu, com essa menina... Não, a poesia é um extase mudo. Como o que eu sinto diante de ti, ó menina suave!

O Sr. Martin, pae de Santa Theresinha, vem vindo de lá do fundo, rheumatico, arrastando uma perna, com uma tesoura de jardineiro na mão. Surge dentre as folhagens; estava a cortar umas flores para o altar de Santa Ignez, da qual são muito devotos. (Dizem em Lisieux que essa familia dos "Buissonets", o velho Sr. Martin com as cinco meninas, é extremamente piedosa. Aliás, vê-se pelo ar seraphico dos olhos delles. Deus anda por aqui...)

O Sr. Martin não tem boa vista.

— Quem é Maria Francisca?

— Aquelle moço que veio do Brasil.

— Ah, mande entrar.

— Obrigado, Sr. Martin. Eu passei por acaso, passeando. E como vi mademoiselle Maria Francisca Martin... flor entre as flores, no dizer do poeta...

O Sr. Martin sorri com bondade. Santa Theresinha ruborisou-se. Baixa os olhos com humildade. Não sabe que será um dia "la petite fleur"...

* * *

O retrato de 1888 é no entanto mais typico. Santa Theresinha é ahi uma creatura viva. Parece que já a vimos, que no dobrar de uma rua seu vulto de mocinha de 15 annos passou diante de nós. A maravilha dessa photographia é a vivacidade do olhar no rosto redondo e puro. Fronte larga. O cabello enrolado, deliciosamente, como o de uma pequena dona de casa que fiscaliza a dispensa, espana a poeira dos moveis e, com um dedinho recriminador, pergunta — "Como é que se põe uma mesa sem o saleiro? Quem é que anda fazendo isso?"

* * *

São essas as duas que eu adoro. A dos 13 annos em primeiro logar. E' a idade em que uma mulher tem todos os encantos dos 20 e a pureza immaculada do coração.

Depois, na minha predilecção, vem o retrato dos 15. Neste, apesar de toda a frescura da adolescencia, Santa Theresinha tem qualquer cousa (um quasi nada) de severo. Será effeito do penteado de burguezinha?

Vê-se-lhe na orelha um brinco. Na gola da blusa um broche. Joias da mamãe morta? Não ha duvida, ha uma certa autoridade nesse rosto encantador. Na casa do velho Sr. Martin, deve ser Santa Theresinha quem trata dos arranjos domesticos. Essas graves funcções imprimem á sua physionomia o traço inilludivel dos cuidados.

— Eu já disse a papae que precisamos mudar de padeiro!

* * *

Sei que a imagem de Santa Theresinha, que os povos veneram, é a que tem o habito de Carmelita. E' para essa, por exemplo, que eu olhava de olhos afflictos, outr'ora, em noites de soffrimento, quando suas rosas baixavam sobre mim, no céo de Campos do Jordão, em estrellas cadentes.

Porém agora que conheço as outras, as da adolescencia, sinto uma funda ternura pelo "entreaberto botão".

Em Santa Theresinha do Menino Jesus — ó meu Deus! — que adoro mais: a Santa ou a mulher?

Noviça, no pateo interno do Carmelo de Lisieux

Aos 13 annos, entre-aberto botão...

Aos 15 annos, poucos dias antes de entrar para o convento.

DOMINGO
DE
CARREIRAS

NO
JOCKEY
CLUB.

AMOR E SONHO

DULCE, creaturinha de movimentos harmoniosos e attitudes moraes encantadoras, realizára o milagre de reconhecer a propria felicidade. Que lhe importava a sua pobreza, a necessidade de lutar arduamente pela vida, se o seu espirito era bastante moço, se ella ainda sabia sonhar?

Comquanto bella, de uma belleza muito suave e serena, chegára aos vinte e cinco annos sem ter recebido uma unica declaração de amor. A ella, feita para o sonho e para o amor, os admiraveis psychologos que são os homens, attribuiam uma belleza de estatua. — E' demasiado calma e um tanto orgulhosa, diziam elles, sem comprehenderem os sentimentos intensos que se escondiam debaixo daquella mascara serena.

Não era pintora nem esculptora, digo cantora, como as irmãs, porém, sentia mais a arte do que ellas, e tinha pela belleza um verdadeiro culto. As irmãs chamavam-na com desprezo "pratica", porque ella era funccionaria publica; mas este dinheiro ganho "praticamente", attestava-lhe o pudor moral. Queria ser independente materialmente, para ter o direito de amar livremente, sem cogitar da situação financeira daquelle a quem entregasse o coração. Ser bôa e terna representava para ella uma necessidade; adorava os paes e as irmãs, mas só se sentia completamente bem quando amava. Em differentes épocas de sua vida amára, sem nada esperar, silenciosamente; e de todas estas vezes soffrera a dolorosa desillusão de saber que aquelles que a tinham impressionado eram já noivos. Vira-os depois já casados e tambem suas mulheres, desillusão mais cruel ainda, porque a escolha das companheiras daquelles homens fôra terrivelmente mediocre: mulheres sem graça, vulgares, quasi feias. A "trahição" por parte destas creaturas que durante annos tinham sido o seu pensamento, parecer-lhe-ia menos dolorosa se recahisse em mulheres mais razoaveis.

— Na verdade não me honraria nada, pensava ella, ser amada por homens de tão máo gosto.

Fazia já dois annos que ella tivera a sua ultima desillusão de amor, e desde então havia um vazio na sua vida. Não tinha saudade de nenhum dos que amára, mas sim, da faculdade que lhe déra o amor de sentir melhor a vida, de vibrar mais intensamente deante das obras de arte.

Nesta noite, preparava-se para uma festa; vestira-se de negro, o que realçava a alvura da pelle e ornára o pescoço delicado com um collar de perolas. Quando dava os ultimos retoques á toilette, entrou no quarto a irmã, aquella que cantava admiravelmente, mas que ao falar era um tanto rispida. — Não achas que este meu vestido vae fazer um successo nunca visto? E contemplando-se no grande espelho, ella sorria, mostrando bellos dentes. — Sabes, Dulce? hoje só me importa a admiração de uma unica pessôa. "Elle" é um homem admiravel: cinco mil contos, quatro automoveis, uma posição brilhante.

E dizendo estas palavras, que bem lhe revelavam o caracter, ella abraçava a irmã, cheia de enthusiasmo.

As duas formavam o maior contraste: Dulce, pequena, loura, delicada; Irene, imponente, alta, morena. A meiga Dulce sabia que tinha os traços mais correctos, fórmas mais perfeitas que Irene; e, entretanto, na desconfiança de si propria, deante da majestade da irmã, pensou então que toda a sua delicadeza de traços não era mais do que uma triste insignificancia. Alguns minutos depois, chegavam ao Club, onde o jazz, com seu barulho ensurdecedor, enlouquecia momentaneamente os jovens pares.

Dulce não dansava, observava apenas; e logo a impressionou um rapaz alto, de cabellos castanhos, cujo olhar revelava energia.

— Elle é bonito e deve ser bom. Imagino que é um filho extremoso e melhor do que o commum dos rapazes, dizia comsigo a sonhadora Dulce.

Uma linda moreninha de dezoito annos veiu ter com ella e disse-lhe risonha:

— Oh! Dulce, se soubesses quanto acho sympathico aquelle rapaz... Sabes informar-me alguma cousa a respeito delle?

Dulce sorriu tristemente; estava tão convencida de que só amaria homens já noivos, que disse com a maior convicção: — Não o conheço pessoalmente, e a unica cousa que te posso affirmar é que elle é noivo.

— Que pena, Dulce! Elle é tão attrahente... Mas sabes se a noiva é bonita?

— E' insignificante, quasi feia, respondeu ella, certa do que dizia.

Dois minutos depois, corria celere a noticia do noivado do rapaz, que era nada menos que filho de um dos mais influentes ministros e "acima de tudo", riquissimo.

— Carlos, você nos fez da bôa, dizia-lhe uma moça que fôra a segunda a ter noticia do noivado. Ficou noivo e nem uma palavra nos disse...

— Mas quem foi que deu esta informação? perguntou elle espantado. E quando a joven lh'o disse, elle pédiu para ser apresentado á linda informante. E nessa noite dansaram juntos varias vezes, sentindo-se Carlos cada vez mais intrigado a respeito da historia do noivado.

— E' uma linda pequena, differente de todas, pensava elle; e nas raras vezes em que os nossos olhos se encontram, fico deslumbrado deante da expressão do seu olhar.

Quanto a Dulce, sentia-se feliz de ser guiada por um cavalheiro tão alto e forte, de lhe ouvir dizer que era linda, palavras que jamais ouvira de nenhum homem.

— Será que o amor, que foi sempre para mim um sonho, se irá converter em realidade? pensava ella, entre receiosa e satisfeita.

E desta noite, durante longos dias, elles guardaram as mais bellas recordações.

. . . .

. . . .

Todos os que se achavam reunidos na sala de recepção da familia Arantes, sentiam-se emocionados ao ouvir a voz suavissima de Irene, que interpretava um canto de paixão e soffrimento. Mas ninguem sabia escutar como Dulce, cujo rosto reflectia intensas emoções; e debaixo dessas impressões, com os olhos brilhantes, ella estava mais do que linda, assim pensava Carlos. Elle descobrira atrás daquella mascara serena, uma alma vibrante; e por vezes tinha medo de que alguem lhe arrebatasse aquella creaturinha de interessante personalidade. A cantora calava-se, porém, e a conversa seguia-se animada. Divertido com a historia do noivado, Carlos começava a descrever o typo da noiva.

— Ella é loura e pequenina, creio mesmo que da altura da senhorita Dulce. Esta ficou terrivelmente corada, o que mais divertiu Carlos. A admiração deste pela moça tornára-se já evidente, começando a attenção geral a ser despertada para ella. Os rapazes, observando-a melhor, descobriram-lhe encantos nunca imaginados; mas a surpreza culminou quando ella falou; sua voz era uma musica, de uma doçura nunca vista.

— Como são as cousas neste mundo, dizia alguem que já estava começando a soffrer as influencias do encanto de Dulce; vemos mulheres cuja voz afugenta que não se calam um minuto; e esta creatura de voz ideal, raramente dá duas palavras...

Após a reunião, Carlos se retirára esperançoso, sem avaliar o terrivel desastre de que seria victima em pouco. Assim, alguns minutos depois, era atropelado por um automovel, ficando com uma perna esmagada, e como resultado fatal era ella amputada immediatamente. Para um homem moço e bonito, confiante na vida e no amor, não poderia haver maior abalo moral. Dulce recebeu horrorizada a noticia do desastre; não por ella que o amaria sempre mas

(Termina no fim da revista)

STELLA RODRIGUES ESCREVEU

ROBERTO RODRIGUES ILLUSTROU

Chegada ao Rio dos Delegados Argentinos

C E N T E N A R I O D A A C A D E M I A D E M E D I C I N A

Visita dos membros do Congresso Medico ao senhor Presidente da Republica

Na Cathedral quando foi a missa solemne em acção de graças pelo centenario da Academia de Medicina

Na Academia de Medicina, o professor Miguel Couto agradece as homenagens que lhe prestaram os seus collegas. — No Hospital São João Baptista da Lagôa, é feita a inauguração das installações para mulheres e creanças, presidida pelo senhor Washington Luis. — Outro instantaneo no Hospital São João Baptista da Lagôa. — Visita que os delegados argentinos ao Congresso Medico fizeram ao tumulo de Oswaldo Cruz.

A crise é de dinheiro...

Por toda a parte se allude a uma crise de theatro. E' o clamor unanime do intellectualismo alarmado. Será que a mais bella de todas as artes vae desapparecer ? perguntam todos afflictos... Parece-me que não. Em que consiste realmente essa crise ? Na diminuição de publico, que é tão mais escasso quanto mais elevado é o genero de theatro. Bons artistas e bons autores existem como existiram sempre, sómente a incerteza do ganho prejudica a actividade, e o aperfeiçoamento concomitante, de uns e de outros.

Prefiro ver no phenomeno uma consequencia da má situação economica geral. A vida se tornou, não só na Europa como na America, pesado encargo. Só os abastados pódem dar-se ao luxo de levar a familia ao theatro quatro ou cinco vezes em cada mez. A educação européa ensina que a diversão é o superfluo e, conseguintemente, a restricção nas despezas attinge, em primeiro logar, ao que é dispensavel. Assim não pensa a gente dos Estados Unidos que vê, nos divertimentos, uma razão de ser da existencia, um tonico imprescindivel ao equilibrio dos nervos, e como a situação lá é mais desaffogada, vivem cheios os theatros e ninguem se queixa de crise theatral. A essa maneira de vêr as cousas deve o cinema o seu maravilhoso surto naquelle paiz. Ir á noite a um divertimento qualquer é, para o norte-americano, necessidade tão imperiosa como o almoço ou o jantar. Luta, assim, empolgado por uma vida de trabalho intenso, contra a neurasthenia. A certeza dos proventos leva por sua vez as emprezas a appellar para todos os recursos da intelligencia e da sciencia para melhorar continuamente, artistica e intellectualmente, as diversões que offerecem ao publico, cuja ansia de novidade é, dessa maneira, normalmente satisfeita, o que não acontece nos demais paizes. Tal situação lhe permitte a leaderança em materia de divertimentos, facil de comprehender quando se se observa que encanta Paris, a nós e outros povos, com organizações como o "jazz" de moças que o Theatro Casino agasalhou ha pouco.

A cantora gaúcha Iracema Follador que vae á Europa, enviada pelo governo do seu Estado, terminar os seus estudos, dará em despedida ao Rio, onde por duas vezes já foi ouvida e applaudida, um lindo recital, sob o patrocinio da Sociedade Riograndense, terça-feira proxima, no Instituto Nacional de Musica.

Não ha, pois, uma crise de theatro, ha crise de dinheiro. Haja dinheiro e o povo, naturalmente procurará as casas de diversões, e todas, como acontece nos Estados Unidos, onde prosperam lado a lado o cinema e o theatro, sem que ninguem se lembrasse nunca de dizer que um está matando o outro. Fraqueza da producção theatral, falta de grandes figuras, dominio da pachuchada e dos bufos, tudo são reflexos da situação economica difficil. Não se póde conceber que, dentre todas as artes, só o theatro pereça. Nem que parem ou retrocedam a imaginação e a intelligencia humana. A menos que se acredite no fim do mundo... — MARIO NUNES

U M A

F E S T A

B E M

B R A S I L E I R A

Instantaneos da Noite de São João no campo do Fluminense F. C., com dansas e cantigas typ'cas, organisadas pelas senhoritas Magdala da Gama Oliveira e Lou de More'ra Santos.

Are you really happy now?...

Por Alves

Josephine Baker

Por Helio

A pergunta chegou-me entre accordes de uma dessas bulhentas musicas americanas, fox-trot ou rag-time?... não recordo ao certo, — uma dessas musicas que a gente vae dansando sem querer, até mesmo quando só se está ouvindo.

Seria uma pergunta ou uma affirmativa?...

Affirmar felicidade é sempre tão temerario!...

Pergunta então?...

Really happy... really happy... quem o será realmente a ponto de não ter me lo de assegural-o?...

Quem o será?... A palavra é tão grande: felicidade... E nós ainda a fazemos maior.

Ampliamol-a de toda a sofreguidão de nosso desejo, de todo o surto de nossa ambição, de todo o illimitado de nosso sonho. Fazemol-a tão grande que, quando estendemos os braços para prendel-a, já não nos cabe nas mãos...

Grande demais!...

Ultrapassa a nossa capacidade de apprehensão, ultrapassa o ambito de nossa alma.

Mas qual é a felicidade que póde ser grande demais?...

Qual essa perfeita alegria embriagadora que não se amesquinhe deante do infinito de nossa esperança?...

Are yon really happy now?...

Agora?... Sim, talvez o esteja sendo sem o saber.

A gente só é feliz quando não sabe. Talvez o esteja sendo, máo grado meu, os olhos embebidos no rosa tão côr de rosa destas, talvez o esteja sendo na furtiva, indefinivel acquiescencia desse encontro de vozes...

Imaginamos sempre a felicidade qualquer coisa de grandioso, de inteiriço, de completo.

Um blóco de ouro luminoso esculpido á feição do nosso desejo e á medida do nosso coração.

A descoberta de um thesouro... a palma de louros da gloria caprichosa... a posse appetecida de um ser...

Fazemol-a depender de um acontecimento, de um objecto ou de alguem.

E' bem mais que tudo isto e é, por vezes, tão menos!...

Um pequenino gesto carinhoso, a innocencia de um riso de creança, tilintando no ar puro de um jardim, a surpreza de uma emoção compartilhada, uma cabeça branca que, de longe, como sempre nos sorri, o dia de hoje, esse pobre dia de hoje em que não foi preciso chorar a perda irremediavel do um instante.

Felicidade...

De onde nos terá vindo essa inextinguivel sêde de tua presença?... Essa fome inapaziguavel de ti?...

Oh! my love, are you really happy to be my love?...

Oh, minh'alma, serás porventura capaz de dizer do que será feita a tua felicidade de amanhã?...

Quem te conhece o semblante real, oh! fugitiva?...

Are yon really happy now?...

Na toada por vezes melancolica da musica ha como a secreta ironia de uma duvida, a impertinencia de uma suspeita.

Não acredita que ninguem o seja nem agora, nem depois...

Quem sabe, não acredita que o sou?...

Eu não lhe direi que sim, eu não lhe direi que não...

Ha dias em que a felicidade consiste na conquista aventurosa de uma estrella, ha outros em que reside no silencioso apanhar de uma perdida migalha de pão...

Maria Eugenia Celso.

Horacio Cartier

VÉRA

JÁ estavamos de volta da cidade, e desciamos a praia de Copacabana, quando ella me apontou no mar grosso o navio que se ia embebendo entre a montanha e o horizonte, e sorriu maliciosa, agitando um adeus que era tambem uma inquietação de pulseiras:

– Bôa viagem, Guilherme! Fica-te por lá com a tua mocidade, que eu estou aqui com o meu amor!

E apertou-me as mãos contente, fitando os olhos no fundo dos meus, e a mostrar-me os dentes muito claros na sua transparencia anilada, como se me quizesse lembrar que a sua bocca era minha.

Aquillo não era um sonho, não! Guilherme não seria mais o contratempo dos nossos encontros, nem a mão que parecia adiantar todos os relogios para nos assustar pelos refugios tepidos, aguilhoando a molleza dos extases, e precipitando as despedidas. Em vez de algumas horas entrecortadas de sobresaltos, e do temor dos imprevistos da inveja que espia e delata a felicidade alheia, teriamos dias inteiros, e innumeraveis quasi, semanas e semanas, porque elle só voltaria depois de alguns mezes.

Eu olhava o navio, que era já alguns palmos de pôpa a se diluirem nas sombras da tarde e da montanha, uns rolos de fumo que se espalmavam de encontro ás telas distantes do céo, e ficava a imaginar a hypothese de uma volta inesperada. Pois não havia casos de navios, tão grandes como aquelle, que por desarranjo subito das machinas, regressavam ao porto depois de lavados pela viração do mar alto? Se isto acontecesse, que diria Guilherme, batendo á porta de casa, noite fechada, e não encontrando mais niguem? Quem sabe se elle, que era tão amoroso da mulher, não estaria então redigindo um radiogramma gritante de saudades novas, dessas saudades afflictas que surgem ao influxo das primeiras horas da solidão dos oceanos? E eu via o menino dos telegraphos á porta da casa, e a visinhança a desaccommodar-se; e ouvia a campainha vibrar lá dentro, no escuro, entre as cousas quietas e abandonadas.

Véra quiz saber no que eu pensava. Que era na delicia de irmos viver juntos, respondi emergindo da scisma. Ella então pediu ao chauffeur que andasse mais depressa, e dahi a nada estavamos na aba de um morro de casinhas novas, novas e faceiras de flores encarnadas, de vasos suspensos e cortinas de rendas.

Fôra no ultimo grupo dessas construcções, na primeira que se alteou marcando a esquina da rua por aquelle tempo tortuosa e deserta, que eu me alojara, antes ainda de conhecer Véra. E ali passava os domingos inteiros estirado na cama repleta de jornaes do dia, fumando e dormindo, e só espairecendo á tarde, quando chegava á varanda, e esquecia-me a ver no céo as côres quarteadas dos papagaios, e a vêr como ia longe o meu pensamento, levado que elle era pelas vôzes das creanças que me afogavam, nem sei bem se de melancolia, se de ternura.

Depois, como Véra me houvesse entrado na vida, os papagaios se rasgaram, e calou a vóz das creanças, porque tive despreoccupação tão grande dos arredores da casinha que, sahindo pela manhã e voltando á noite, não notei nunca as suas companheiras que se iam edificando, nem as luzes do baile branco das mariposas que foram alegrar a rua apertada, e o idyllio dos que noivavam á musica das victrolas.

Mas ainda agora, dando volta á chave, illuminando a varanda e a sala, escutei o bater do coração de Véra. Ella quiz ver tudo ao mesmo tempo. Ficou encantada com a porta de mola que dava para a sala de jantar, abrindo-a e fechando-a uma porção de vezes, e dizendo que desejava ter uma assim. Depois foi á alcova, e destampou todos os vidros de perfume de que eu lhe guarnecera o toucador, e abraçou-me convulsa de alegria quando avistou um pyjama preto e de alamares vermelhos, reconhecendo ser o mesmo que dias antes vira numa vitrine, e experimentara sem querer comprar, só pelo gosto de se remirar ao espelho, em contacto com aquellas sedas. E abraçou-me tambem á entrada do quarto que servia de escriptorio, porque deu então com os olhos num dos seus retratos, um retrato muito antigo, mas emmoldurado á sombra de um vaso de rosas ainda frescas, as rosas que eu arranjara pela manhã.

A creada, uma creoula de roupas limpas, que me conhecia desde estudante, e me acompanhara sempre, estava lá no fundo, apromptando o jantar. Véra quiz ver a cozinha. Viu tambem a creada e parou conversando, conversando para fascinar a negra que, ao outro dia, já parecia gostar mais della que de mim.

Jantamos e fizemos castellos de cartas. Não pude dormir. Quedei-me a noite inteira aos pés do leito de Véra, adorando-a debaixo do quebra-luz que lhe rosava o rosto, e á espera da sensação virgem de vel-a entreabrir os olhos serenos, e estremecer as palpebras ao primeiro raio de sol da manhã que vinha tão depressa. Como era fresco o seu halito pela madrugada!

— Vae fazer amanhã um mez que Guilherme partiu!

— E' verdade, Véra. Parece que foi hontem á tarde!

— Achas? Eu não... Tenho tantas saudades! Não te assustes, nem feches a cara, que não ha razões para ciumes... Não é delle que tenho saudades... Mas, pensa bem, meu amor, na vida que levo: Ha um mez que não sei o que é ir a um cinema, falar ao telephone, vêr uns figurinos, tomar um chá com as amigas.

— Isto não, Véra, tem paciencia! Olha que já fomos duas vezes áquelle cinema da Gavea... Falas todos os dias commigo pelo telephone, e eu te trago figurinos, e aquellas bolachinhas do teu chá.

— Sim, sim, sou muito grata por tudo... Vejo porém que não me comprehendes, e é inutil falar. Has de convir no entanto que tomar chá comtigo, dentro destas quatro paredes, vestida como estou, não é ir a uma casa movimentada e elegante, encontrar pessoas que riem e conversam, que conversam futilidades, se quizeres, mas distrahem, distrahem porque a sociedade é feita dessas cousas, e foi nella afinal que me encontraste, não foi na rua... Cinemas? Então queres me convencer de que ir a um cinema de arrabalde, uma cousa de gente do povo, um cinema frequentado de mulheres gordas que ninguem sabe de onde vieram, e de velhas exquisitas com creanças pela mão, é o mesmo que ir aos da cidade, onde ha cadeiras macias, e onde se ouve bôa musica, e onde ha vida e pessoas conhecidas? O telephone! Falo comtigo todos os dias, é verdade; mas quando me chamas nem o prazer posso ter mais de te responder como nos outros tempos "sou eu!", porque é só a creada quem attende aos chamados, para que a minha voz não seja por acerto reconhecida dos estranhos... Figurinos? Ora, nem é bom continuar.

E Véra falou, falou muito. Não precisava falar tanto, porque, desde logo, de attento que eu a analysava sempre, tive a sensação de que a sua alma se despia toda, e era como uma mulher que rasgasse os vestidos, ficasse inteiramente nua diante de mim, mas na illusão de estar vestida, de estar de chapéo e prompta para sahir.

Isto foi n'uma quinta-feira de manhã. No sabbado, como eu lhe falasse da cidade, ella ciciou pelo telephone: — Veiu-me hoje uma fantasia! Não me negues o que te vou pedir... Juras?

— Não é preciso jurar. Já te neguei alguma cousa desta vida? Pede! Anda!

— Tenho vontade de te encontrar naquella casinha de chá... Sabes? E quero ir depois lá longe, lá onde iamos naquelles tempos, e ficar comtigo duas horas, mas olha que são só duas horas, nem mais um minuto... E' como se o Guilherme já estivesse no Rio...

E fui. Porque, a verdade, é que eu procurava adivinhar os pensamentos de Véra e sem lhe recusar cousa alguma não me sacrificava nunca, que o prazer de vel-a contente me neutralizava todas as repugnancias, todas as resistencias interiores e revoltas intimas; e nem nellas eu pensava. Se Véra não corria a cidade, como n'outros tempos, se não visitava as suas amigas, nem tagarellava pelo telephone, era essa uma situação armada por ella propria, porquanto, querendo participar da minha vida e do meu recolhimento durante a ausencia do

marido espalhara por todos os conhecidos que estava repousando em Vassouras, com a irmã e a sobrinha, que realmente lá se achavam. Descera apenas naquelle dia (era este o seu artificio pelo telephone) para fazer umas compras e pagar umas continhas, mas iria partir de manhã bem cedo, com o escuro ainda.

D'ahi a reclusão forçada, e o amor, que já era forçado tambem. Que pena gostar-se de creatura assim! Mas eu não podia insurgir-me contra as fatalidades daquelle temperamento, nem lhe impôr a minha paixão como uma imagem do bem. Demais, que culpa tinha a pobre da Véra de imaginar a felicidade fóra da monotonia do amor tranquillo? Eu tambem não podia desgostar-me de mim mesmo pelo facto de não saber fantasiar mais nada para lhe afugentar o tédio do amor continuado, esse tédio apprehensivo das cousas vistas e revistas, que se dizem e redizem, e são repetidas afinal como os rythmos do coração, que se acaba tambem cansando.

Era preciso nos salvarmos. Salval-a dos males da grande apathia, e salvar-me a mim da ameaça de perdel-a de todo, ou do mal de não me enfarar da mesma sorte. Foi pensando nisto que fui por uma noite fria e de chuva, a escorregar na lama, e deixando Véra adormecida entre os acolchoados, até á cidade. Atravessei uma praça enorme, fustigado pelas aguas sujas que espirravam das poças á passagem dos automoveis, e entrei pela sala dos telegraphos, espantando um velho somnolento, e estendendo um telegramma redigido ali mesmo, ás pressas. Era para Guilherme e dizia assim: "Enferma peço abandones tudo regressando urgencia. Beijos. Véra."

Entregue e pago o telegramma, amarrotei o recibo e sahi quasi correndo, tomado do medo da propria fraqueza, porque eu seria capaz de voltar, pedir desculpas, suspender a transmissão.

Desalterei-me apenas quando, pelo tempo decorrido, conjecturei que a expedição fôra feita com certeza.

— Agora, — pensei — que aconteça o que acontecer, e Véra que attribua a quem quizer a miseria do telegramma em seu nome. Guilherme estará de volta dentro de uma semana, no maximo. Paciencia! Ainda será melhor assim.

E no dia seguinte, repartindo e alisando os cabellos de Véra, e já com a magoa de desachegar-me della, preveni:

— Estou triste. Hontem, quando já dormias, fui á cidade. Era uma questão urgente de familia. Temos de nos separar por uma semana, ou por duas, talvez... Volta hoje mesmo para tua casa e areja tudo. A' tarde poderás ir ao Cinema, se quizeres, ver aquella fita... E amanhã, porque hoje já não terás mais tempo, poderás tambem, se achares melhor, tomar o trem para Vassouras.

Ella pensou que eu voltasse para almoçar. Não voltei, nem a procurei durante muitos dias, porque não me importava saber o que ella fizera da sua liberdade, e contentava-me apenas a certeza de que as saudades haveriam de restituil-a, mais cedo, ou mais tarde, ao silencio e á profundeza do meu amor.

DESENHOS DE J. CARLOS

Paris à noite

Sahir... o que quer dizer? Antigamente jantavamos na cidade, frequentavamos a sociedade. Agora é differente: pretendo sahir — sahir de minha casa, d e n t r e as minhas quatro paredes brancas, do meu ambiente normal, de mim mesmo. Posso esquecer-me de tudo: do meu nome, do meu endereço, do dia, da hora, do tempo, das cartas que ainda não abri, dos encontros a que faltei, do que tenho a fazer, do que deveria ter feito. Pretendo, entretanto, voltar á casa e acho preferivel guardar a chave.

Desço a escada sem me apressar, pois tenho tempo, e parece-me que deixo atrás de mim os remorsos, os preceitos de moral... que recuam na penumbra...

Que delicia repetir baixinho: "Estou atrazado — mas o Destino me protege e ha de esperar por mim?

Esta n o i t e não vivo no momento presente mas "entre duas aguas", como os peixes.

Ao chegar á rua, deparo logo com a Torre Eiffel — onde ir? á direita, á esquerda, "Montmartre", "Montparnasse", os "Boulevards", á rua de "Clichy", ou á "Place Blanche"?

A fantasia, unico companheiro agradavel para um passeio nocturno em Paris, não nos vem buscar á casa. Combina-se tudo com antecedencia e por isso as "pandegas" tornam-se enfadonhas. "Será delicioso, verá." — "Acho que estás esplendido!" declaram enthusiasmadas as mulheres aos maridos exhaustos, que já estão pensando na hora de entrar para a repartição. E vamos á Florida. "Florida, que logar horrivel", diz um senhor descontente. Explicamos-lhe que está agora mudado. No carro onde nos empilhamos, alguem affirma que "é preciso ouvir Gardel e morrer". Gardel vestido á argentina, canta em argentino palavras symbolicas. Felizmente, ninguem as comprehende, mas fazem impressão e todos se sentem emocionados. São evocações, são clamores, ternuras, terrores. Até os indifferentes fazem um esforço e imaginam qualquer cousa. Na sala ha estrangeiros; o bello rosto da Duqueza d'Alba basta para se evocar a Hespanha.

Tendo mil cousas a se dizerem, t o d o s se calam. Milagre. As mulheres são todas bonitas. Por exemplo, Mme. Martinez de Hoz (em crêpe chiffon preto). Em outra mesa a Marqueza de San Carlos (em renda côr de ameixa). Mme. Letellier (em crêpe chiffon côr de fogo). Mme. Skoutes (em musselina branca). A Condessa de Bobilant (em renda preta). Mais adeante, Lady Davies (em crêpe chiffon preto e a bella Baroneza Styrcea (em "manteau" vermelho e crêpe branco). Pessôas illustres, artistas, estrellas: Edmonde Guy, morena, vem dansar um tango lento. Justo no momento em que a orchestra começa a tocar uma bôa musica, um de nós se aborrece e levantamo-nos todos. Encontramos á porta os unicos amigos com quem podemos continuar a n o s s a peregrinação nocturna — os grupos desfazem-se e refazem-se — passado meia-noite todas as combinações são possiveis.

O "Bosphore", rua Thereza, não é longe, mas é preciso saber-lhe o nome. Terça-feira passada andamos ás tontas á procura de "Constantinopla" e de "Stamboul". Aqui ainda se canta e em francez. Um joven de talento (soprano lyrico) canta as grandes arias da Manon. Gaby Montbreuse é sempre a mesma e é assim que faz successo. Que prazer enorme rir-se pela centesima vez pela mesma cousa. Poucas promessas são tão bem cumpridas — ás tres horas reclama-se energicamente "le Cafard". "Le Cafard" é uma canção atroz para as pessôas alegres. A noitada se apresenta bem. Embriagai-vos! não de **champagne** ou **whisky**, mas de palavras. O acaso que se esgueira com as correntes de ar, installa-se á minha direita — julgo agradar-lhe e ouvir revelações surprehendentes. Meu visinho da esquerda chama-me a attenção para as verdades essenciaes — sinto-me m u i t o joven, de uma intelligencia extraordinaria e subtil. A atmosphera torna-se pesada e os cerebros leves. O Marquez de Guadamilna conforta e convence as pessôas que querem ir embora. Mme. Ollivier (em verde), que jantou no "Ciro" ha muito tempo já, dá o signal da retirada. Tinhamos esquecido completamente que eramos esperados no "Nouveau Boeuf" por outros amigos. Estão no Bar, mas no Bar do "Grand Ecart". Eis aqui Fargue, o Tigre. "Gosto de lyrismo, diz Fargue a Ravel, que está deixando crescer a barba, — gosto das cousas no momento preciso em que..." não posso ouvir o resto, porque é preciso dansar. Ficámos cinco minutos para tomar um **whisky**.

Que aborrecimento ter de ficar na porta, á espera que pessôas indecisas se decidam! Receiam... Estará tudo acabado já? Felizmente, Guy Arnoux tem uma idéa. Emquanto isto, no "Perroquet", Edna Covey erra com arte consummada os passos que conhece na ponta... dos pés. Cahe... Alguem a ergue, consola-a, uma vez, duas vezes. A' terceira, ella ri, a sala ri, o senhor delicado córa. E' um successo. Mas eu não tenho vontade de rir. Onde poderei ouvir canções que me façam chorar? Em "Pile ou Face" ha negros, e no Fisher, Cora Madou. "Casanova" me attrahe na escuridão. E' a hora do "quart-Vittel". Primeiro até me parece impossivel ouvir Georges, de tal maneira a sua voz divina parece um murmurio. A decoração dos "cabarets" não tem mesmo importancia alguma; o vidro irisado do "Boeuf sur le Toit", as cornijas classicas e genero Munich do "Maxim's", o tecto estrellado do "Blue Room", o tecto entreaberto do "Florida", não merecem attenção — o que importa é o systema de illuminação e o relevo extraordinario que tomam certas physionomias pela noite a dentro. E' um prazer analysar, ou por outra, sentir o pittoresco, a qualidade peculiar a cada frequentador.

E' muito tarde. Comeremos rim frito aqui ou ovos estalados no **Quick Lunch?**

A Horn, Mrs. Harmsworth (bordados a ouro) coberta de esmeraldas das Mil e Uma Noites, acha que seria melhor... Psiu!... Lá em cima, nos cafés, Curnonsky, o principe dos gastronomos, gosta de jogar. Montparnasse vale uma noite inteira. O "Jockey" não é banal, mas a "Jungle" é uma maravilha e a gente se habitua a contar as garrafas. No "Dôme", na "Rotonde" encontra-se gente simples que não vai lá para se exhibir e sim para se dividir. Um pintor de genero, um Tolouse-Santrec, um Constantin Guys deveriam vir installar-se aqui. No "Select" lembramo-nos de Nandin, o discipulo querido de La Tour, que nos contava tantos segredos, depois de terminar seu curso. A melhor "boite" é na rua Vavin; não sei nem o seu nome nem o endereço exacto, mas o acharia sem hesitar. Ahi, tambem, se vê garrafas, placas de vidro, dados, cartas, jogos nas paredes. Ficámos sós bastante tempo. Eramos seis e mesmo sem se sentar ao piano Rubinstein nos tornava musicaes. Graças a elle comprehendiamos a Polonia e a Lady Abdy a Russia. Guardo a lembrança de uma grande luz, de uma grande tranquillidade; tinha desejos de nadar, de mergulhar, de pintar. Testemunhavamos uns aos outros uma confiança, um respeito, um interesse acima do commum. Sentiamo-nos felizes, cheios de mysticismo, iniciados, exaltados, simples.

Parisiense despreoccupado e bohemio, é á noite que sabes vêr bem...

O CHA' RUSSO NA FEIRA DE AMOSTRAS

O senhor Presidente Washington Luis, o senhor Prefeito Antonio Prado Junior, a senhora Antonio Prado Junior e a senhora Flavio da Silveira no dia da inauguração do Chá em beneficio de instituições de caridade e que é servida por senhoritas da alta sociedade carioca.

S O C I E D A D E

O nome de Gilberto Trompowski, artista delicioso e "gentleman" encantador, está no cartaz, como se costuma dizer.

Sabbado passado, sua decoração do "Chá Russo", na Feira de Amostras, provocou os mais francos elogios.

Hoje, a inauguração do "Coq d'Or", após o espectaculo de Milton, vae proporcionar ao artista as mais sinceras manifestações de admiração.

Sabbado proximo, será o baile "Rouge et noir", no Copacabana Palace, o pretexto para mais referencias elogiosas.

A decoração russa do "Coq d'Or" é qualquer coisa de magnifico. O "bar", cinza e negro, é maravilhoso. A sala principal tem uma vida e um colorido fantastico.

Gilberto, desde aquelle famoso Baile Hespanhol, revelou-se um extraordinario decorador moderno.

Depois, o Rio viu em scenographia, o que de mais bonito se fez no Brasil, na "Feérie Mereveilleuse". Os "décors" de Gilberto deslumbraram a platéa do Municipal.

Como pintor, basta citar o seu "Carnaval da vida", verdadeira obra-prima da arte moderna, que tão grande successo alcançou na sua ultima exposição. A decoração do "Coq d'Or", que Balanchine poderia assignar com orgulho, será, hoje á noite, mais um triumpho para o brilhante artista.

A cantora Helena Gorewa, que estrêa hoje no "Coq d'Or", a nova "boîte" elegante que foi decorada pelo pintor Gilberto Trompowsky.

A recepção, quinta-feira passada, na residencia Frederico Burlamaqui, foi uma verdadeira parada de elegancia. A' festa distinctissima compareceram entre outras pessoas: senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Vasco Tristão da Cunha, senhorita Ciçone Portocarrero, soberbo vestido negro de Madeleine Vionnet, a scintillante senhorita G. Tigre de Oliveira, senhoritas Vera e Hortencia Roxo, senhorita Celina Portocarrero, lindo vestido "vieux-rose" de Lelong, Sonia e Maria Yolanda Burlamaqui, senhoritas Diniz, senhores Joaquim Proença, Paulo Figueira de Mello, Bento Ribeiro Dantas, Frank Swales, José Nabuco, Paulo Bittencourt, etc.

O "Chá Russo", na Feira de Amostras, organisado pela illustre senhora Zuleika de Mayrinck, continúa a ser a grande nota elegante do momento.

V I C T O R
V I C T O R I N O

Baile de São João no Botafogo F. B. Club

JORGE DE LIMA está no Rio. Veiu das Alagôas para o Congresso Medico. Mas trouxe um livro novo e a segunda edição (quinto milheiro) do primeiro livro de Poemas. Jorge de Lima é um brasileiro que conta coisas do Brasil sem se preoccupar com versos medidos e rimas interessantes. O exito dos seus Poemas no Rio e em todos os Estados desmente os editores que dão entrevistas dizendo que só os livros que não prestam têm leitores...

Chá no Automovel Club do Brasil

galveston

Da esquerda: Miss Allemanha, Miss Inglaterra, Miss Austria (hoje Miss Universo), Miss Luxemburgo, Miss França.

Cinco Misses

No centro: panorama da cidade de Galveston, que é a Terra Promettida das mulheres bonitas.

Saudação a Julio Verne

POR MURILLO MONTEIRO MENDES

Muito obrigado pelas distancias
que você poz na minha vida,
Julio Verne
Companhia de navegação dos promptos,
piloto das viagens que de tão longe não se acabam
O mundo começou na capa vermelha dos livros
onde a gente ia da terra á lua, debaixo do mar,
dava a volta aos desejos e ao mundo
e ganhava naquelle bilhete de loteria !

Minha ama secca
Minha primeira namorada
E Julio Verne.

Fazia um frio naquelles livros
illuminados a gaz, convidando ao somno,
e que nevoeiros bons !
Consolação no internato, porta aberta pro sonho,
palpite do cinema,
Julio Verne, o unico francez que soube geographia
sem chatear a gente !

Tarsila do Amaral vae emfim trazer ao Rio a alegria immensa de uma exposição de quadros, dos quadros mais vivos e mais brasileiros da pintura que ella creou em São Paulo. A exposição de Tarsila será no Palace Hotel, de 20 a 30 deste mez.

O Lyrico teve uma tarde excepcional, sexta-feira da outra semana. O theatro, apezar de velho, não veiu abaixo com os applausos que a gente mais intelligente do Rio, deu á poesia moderna do Brasil, poesia que é a nossa poesia, das terras e das creaturas, da fala e da sensibilidade de uma raça que se achou e não quer mais saber de imitações estrangeiras, poesia que Eugenia Alvaro Moreyra contou.

Em cima e no meio: festa de anniversario do Club Militar com a presença do senhor Ministro da Guerra.

Em baixo: os senhores Octavio Mangabeira e Ismael Montes Ministro da Bolivia, trocam as ratificações do tratado que encerrou todas as questões entre aquella nação e o Brasil.

Os Escoteiros Brasileiros que foram á Inglaterra estiveram no Ministerio da Justiça em despedida ao senhor Vianna do Castello, acompanhados pelos senhores Ignacio do Amaral e Mozart Lago.

A equipe do Regimento Naval "Ruth", do Club Vasco da Gama. Um remador do mesmo club, "Mauro", do Club Icarahy.

Em baixo, instantaneo a bordo da barca Mocanguê durante as regatas de domingo passado em Botafogo.

MUSICA DE CAMERA

Desenho de Di Cavalcanti

Variações sobre o café

DE MANHÃ CEDO

DEPOIS DO JANTAR

OS artistas de ambos os sexos em viagem artistica não se importam de comer mal, de dormir pouco ou mesmo nada, contentam-se de agua fria em bacia, resignam-se de bôa paz ao ouvir a phrase fatidica: "houve justamente esta manhã um desarranjo no banheiro", deixam a patria por muitos mezes, ás vezes annos, resignam-se emfim a tudo, privam-se de tudo... menos de café. Necessidade? habito? Confiança cega nesse tonico, as mais das vezes sem cafeina? Não sei. Pela parte que me toca no tempo em que fazia viagens artisticas, bebi diariamente — e mais de uma vez — o café, quasi sempre pessimo da França e de alguns paizes estrangeiros. Café da manhã que deixa na chicara uma especie de oleo esverdeado, café-filtro, remate morno do almoço, liquido pallido que embebe o assucar cheio de moscas sem lhe dar côr; café com creme das tres horas, das cinco, das sete, para enganar os estomagos vasios; café-agua que a camareira traz nos intervallos num copo grande e rachado, dizendo: "Só tem um pedaço de assucar, o outro está no pires"; café, emfim, do botequim das estações (o restaurante está ainda fechado), entre uma e tres horas da madrugada, aguado e sem sabor, servido fervendo e com um pouco de alcool...

Nenhuma dessas bebidas era verdadeiramente café; tinham apenas o nome e um vago cheiro amargo, mas o copo e a chicara aqueciam-nos as mãos e o nome magico de café trazia ao nosso pessoal estafado, um pouco de alegria, de optimismo e novas forças. Não sei como não esqueci o sabor do verdadeiro café, ingurgitando tanta droga que de café só tinha o nome! Certas recordações de infancia têm, quem sabe, o valor e a força de uma educação. A minha primeira iniciação na arte do paladar foi feita por uns vinhos velhos enterrados na areia de uma adega construida na rocha. Quando era menina, minha mãe confiava-me como recompensa, a manivella do torrador de café que todas as semanas perfumava o jardim com sua leve fumaça de um azul vivo, coada pelas folhas da nogueira. Muito creança ainda fiquei sabendo que a fava verde fechada no cylindro de folha, requer que a joeirem por sobre os brazas com um rythmo igual. S' uma operação que exige muito cuidado e attenção e durante a qual não se pode lêr por exemplo um romance de aventuras...

Torrado até ficar preto, o café fica sabendo a fuligem; verde demais perde quasi todo o aroma.

Hoje é tão raro encontrar-se alguem bastante habil para cessar a torrefacção justo no ponto, isto é, quando os grãos de café, humedecidos pelo seu proprio succo tomam a côr castanha escura, um pouco cinzenta de certos charutos bons!

Dizem que uma bôa cozinheira faz mal o café. Não acredito. Não ha tantas boas cozinheiras assim.

Digamos antes que o café é um nectar mal tratado, como o opio em mãos imprudentes, como os bons vinhos pelos glutões.

Lembro-me de cinco ou seis cafés — saudades deliciosas — que me perfumam ainda a memoria.

Bebi o primeiro em casa de Catulle Mendes. Estavamos ainda á mesa quando sentimos um perfume forte e delicioso, apesar das portas fechadas, que vinha misturar-se ao do tabaco. Despejado nas chicaras o café tinha a côr de um topazio escuro que convidava a tomal-o. O poeta mandava que torrassem, todos os dias, um punhado de favas verdes escolhidas num poêle commum. Punham depois para esfriar entre dois pratos fundos que — guardai bem! — nunca se lavavam; conservavam-se assim sempre mornos, escurecidos e com o perfume delicioso do café brasileiro. E' a melhor receita que posso dar aos gulosos ciosos do seu prazer.

Alguns mezes antes de sua morte — que não julgavamos possivel nem ella tampouco — Sarah Bernhardt convidou-me para almoçar. Que dona de casa admiravel, cheia de faceirice infinita! Que desejo, que vontade de seduzir no azul vivo de seu olhar, que orgulho ainda no gesto de suas mãos delicadas! Aquellas mãos de octogenaria quasi não tremiam ao desempenhar sua tarefa habitual; a grande artista preparou ella mesma o café á mesa. Bastou-lhe um filtro de terra escura, com um pedaço de panno, em banho-maria numa vasilha de agatha. O café depois de moido e que ella medira largamente, era igual em finura á areia das dunas... Café fervendo, avelludado, preservativo contra o frio e o calor, contra o cansaço, o desanimo, as mãos illustres que te prepararam nesse dia, quantas vezes buscaram em ti um pouco de conforto!

"Para fazer um café excellente é necessario ser poeta e um tanto doido". Quem é que dizia isto, n'outro dia, despejando, gotta a gotta, a agua fervendo num pote de café de faiança velha e ennegrecida, coberto por um panno já tinto e retinto, macerado e endurecido de tanto coar um café perfeito? Um grande poeta: Héléne Picard.

(COLLETTE)

ENLACE LECTICIA GOULART DE ANDRADE- DR. JOÃO FRANCISCO DE SOUZA

A NOIVA E' FILHA DO POETA JOSE' MARIA GOULART DE ANDRADE, NOSSO QUERIDO COLLABORADOR

ENLACES: WANDA PASTOR-JUVENAL TOSTES ALVIM (NO ALTO) BELMIRA ALVES DE SOUZA EVENCIO DA COSTA (NO CENTRO) AMELIA SIMÕES FREIRE - CARLOS FARIA NEVES (EM BAIXO).

As festas a Jeanne D'Arc

A festa nacional de Jeanne D'Arc, que coincidiu com as festas organizadas por occasião do quinto centenario da heroina, foi celebrada, domingo ultimo, com um grande fervor na França inteira.

EM PARIS

Em Paris, as cerimonias transcorreram em ordem e com a tradicional pompa florida. Houve, porém, este anno, como que um prologo — evocando de modo especial a historia parisiense — ao programma das solemnidades desenroladas com toda a piedade e toda a gratidão da recordação nacional: no angulo da praça do "Théâtre-Français", e da rua "Saint-Honoré", na altura do primeiro andar do predio numero 163, foi inaugurada uma placa para commemorar o facto de ter sido Jeanne D'Arc ferida ha quinhentos annos, nesse logar, onde, então, se elevava a muralha e a porta "Saint-Honoré". Foi ahi que uma flexa attingiu a heroina na perna, na occasião em que levava seus soldados ao combate. A's 8 h. 30, o marechal Lyantey que presidia a ceremonia, collocou-se diante da placa; ergueram o véo e appareceu o trabalho do esculptor Maximo Realdel Sarte que soube, segundo as palavras do Sr. Pierre Taittinger, achar "uma expressão nova e commovedora da physionomia da santa". Junto ao medalhão estão as duas datas 1429 — 1929 e a seguinte inscripção:

"Aqui erguia-se a porta Saint-Honoré", junto á qual Jeanne D'Arc foi ferida a 8 de Setembro de 1429".

Mlle. Jeanne Sully disse a "Ode à Jeanne" de Casimir Delavigne; os Srs. Pierre Levée, conselheiro municipal do Palais-Royal, Pierre Taittinger pronunciaram discursos, assim como o marechal Lyantev que exaltou as virtudes da heroina, "symbolo eterno das esperanças francezas nas horas tragicas e symbolo perenne da nossa confiança no destino glorioso da patria"...

A's 9 horas, na Place des Pyramides, effectuou-se a ceremonia militar symbolica junto á estatua; entre innumeras palmas de flores, destacavam-se as bellissimas corôas offerecidas pelo chefe de Estado, pelo governo da Republica Franceza, pela municipalidade de Paris e pelo conselho geral do Sena.

Realizou-se a parada militar commandada pelo general Leroy, chefe da 10ª divisão de infantaria, presentes os Srs. Painlevé, ministro da Guerra, Tardieu, ministro do Interior, os prefeitos do Sena e Policia, representantes da municipalidade, grande numero de parlamentares e do governador militar de Paris.

Praça de "Saint-Augustin", ás 10 h. 30, depois da missa, monsenhor Jouin, na escada da igreja, abençoou o povo. Em seguida desfilaram as delegações: o grupo dos descendentes collateraes de Jeanne D'Arc precedia as innumeras delegações nacionaes e catholicas, escoteiros, ex-combatentes, sociedades desportivas, estudantes, associações das provincias com os trajes regionaes, a Alsacia e a Lorena em primeiro logar e tambem delegações estrangeiras em trajes nacionaes. O desfile das numerosas secções da "Action Francaise", reunidas no "boulevard Malesherbes", começou ás 10 horas, seguindo o itinerario que vae de uma estatua á outra. Pela manhã, o cardeal Dubois foi inclinar-se diante da estatua da praça das "Pyramides". Acções de graça foram celebradas pelo cardeal Lépicier em "Saint-Sulpice". Em "Notre Dame", ás 16 h. 30, em presença do nuncio apostolico e do cardeal-arcebispo de Paris, monsenhor Raymond, capellão do exercito do Rheno, fez o panegyrico da santa e salientou o symbolo do seu destino. A' noite, foram illuminados os principaes monumentos de Paris.

No pateo da Prefeitura de Orleans quando o bispo e o clero entregavam á Municipalidade a bandeira de Jeanne d'Arc.

NO INTERIOR E NO ESTRANGEIRO

Nos departamentos, a festa nacional de Jeanne D'Arc foi celebrada tambem com cortejos, cerimonias religiosas, marchas com tochas accesas, e uma profusão de flores. Em Nancy, constou da festa a inauguração de uma placa commemorativa no palacio ducal, para lembrar que a "Pucelle" esteve em Nancy antes de emprehender a sua viagem a Chinon. Em Pau foi inaugurada uma estatua da heroina, esculpida por Maximo Real del Sarte.

No estrangeiro, em honra á santa Jeanne D'Arc, foram tambem celebradas cerimonias religiosas em Mogunça; em Londres, na igreja "Notre-Dame de France"; em Praga, na igreja dos Cavalleiros de Malta e em Roma, na de São Luiz dos Francezes.

EM ORLEANS

"Notre-Dame de la Recouvrance"

... Ora, na tarde desse dia, que era um sabbado, ultimo dia de Maio, a "Pucelle" a cavallo, reentrou em Orleans, no meio da immensa exaltação de todo o clero e do povo. Depois de um assalto de treze horas, as "Tourelles" estavam tomadas. Pela ponte sobre o Loire, cujos arcos tão avariados tinham sido reparados com toda diligencia na febre alegre da victoria, Jeanne tinha voltado para a valorosa cidade que os Inglezes não haviam conseguido tomar. "Deus sabe com que alegria ella e os seus ahi foram recebidos". No ar tepido do crepusculo primaveril harmonizavam-se todas as vozes da alegria triumphal: hosannas dos sinos, badalando com enthusiasmo, fanfarras das trombetas guerreiras, estalidos das resinas incandescentes, incenso caloroso das acclamações e dos clamores de um povo libertado... Cansada do esforço prodigioso que fizera, enthusiasmada pela sua recente victoria; cheia de febre da sua ferida da manhã, sorridente, mas pallida, a joven triumphadora media o caminho percorrido. Em quatro dias, tinha acabado com um cerco que durava havia sete longos mezes. Do cerco de ferro e de fogo instaurado pelos Goddons em volta da cidade, quasi nada mais restava. Com que enthusiasmo, ella tinha sabido retomar as bastilhas de "Saint-Loup", de "Saint-Jean-le-Blanc", dos "Augustins". E havia já algumas horas que a bandeira de S. Jorge não fluctuava mais no forte das "Tourelles". A retirada dos inglezes era inevitavel. Orleans estava virtualmente livre. Jeanne olhava com affeição esses homens e essas mulheres que ella havia salvo do perigo imminente. Então, dessa multidão, subiu um calor de adoração tal, que sob a armadura ensanguentada no hombro, a virgem heroica pensou que realmente o bom povo francez merecia sacrificios. E, emquanto ella entrava em casa de Jean Boucher para retirar a armadura, ceiar algumas fatias de pão molhadas em agua vinhada e submetter-se ao tratamento que o seu ferimento glorioso necessitava, a multidão fremente fazia, silenciosa, um juramento: commemorar, até a mais longinqua posteridade, o anniversario desses instantes e de celebrar todos os annos nessa data, aquella que todos os francezes deveriam venerar sob o nome tão merecido de "Notre-Dame de la Recouvrance d'Orleans".

Eis porque, quando se chega ao setimo dia de Maio, a cidade de Orleans, desejosa de não "peccar por ingratidão, pois, desse peccado nos vêm muitos males", rende graças com devoção á sua libertadora. Durante toda a tarde, de quarto em quarto de hora, o sino da torre toca o signal de alarme para relembrar as angustias do cerco. Depois, do cahir da noite, na hora em que a "Pucelle" entrou em grande alegria, os sinos das igrejas e das capellas repicam festivamente.

As tropas da guarnição, reunidas nas "Tourelles", no logar da bastilha ingleza, põem-se em marcha á luz das tochas e, seguindo os passos de Jeanne, os soldados de hoje refazem o itinerario triumphal da heroina de hontem. Prolongando o caminho percorrido por ella, os soldados do 141° regimento de infantaria, os cavalleiros do 8° de caçadores a cavallo, os artilheiros do 30° regimento, chegam á praça "Sainte-Croix" e param ahi, formando fileiras diante da porta central. Então, o prefeito com seus auxiliares — quer catholicos, quer anti-clericaes — saem da prefeitura e vão, com toda solemnidade, entregar o estandarte de Jeanne D'Arc (1) ao bispo de Orleans que se acha na porta da igreja matriz, para onde foi em procissão com todo o seu clero. Os tambores rufam em continencia. Milhares de pessoas expandem sua emoção entoando hymnos e canticos. E a sombra immensa de "Sainte-Croix" illumina-se de clarões ...seos, desde o chão até o alto das torres.

(1) Este estandarte não é mais o que o pintor Harwes Poulvoir confeccionou para Jeanne D'Arc em 1429. Este emblema glorioso desappareceu no seculo XVI e foi substituido por uma rica bandeira offerecida, em 1855, pelas senhoras de Orleans.

(Conclue no fim da revista)

PARIS
A estatua da Praça das Pyramides. Junto a ela, o cardeal Dubois, o general de Castelnau e o bispo de Tarbes e Lourdes.

ORLEANS
A estatua do jardim da Prefeitura. O cortejo historico nas ruas de Orleans.

Placa na rua Saint-Honoré

Na igreja Saint-Denis de la Chapelle

O Ministro Helio Lobo pronunciando a sua conferencia sobre as "Tarifas estrangeiras e a politica commercial do Brasil" na Associação Commercial de São Paulo.

E M   S Ã O   P A U L O

Grupo tirado no salão de honra da Associação Commercial de São Paulo depois da conferencia do Ministro Helio Lobo.

Espiritos de aluguer

Essa especie de gente cavilosa
Que incondicionalmente, sem cessar,
A defesa dos grandes sempre espósa
Pelo prazer pàssivo de adular;

E que na fraude enxerga vèsgamente
Justiça e probidade, em vez de fraude,
E, da claque comparsa impenitente,
A todos os mandões servil, applaude;

Não tem da Vida mais do que a materia,
Pois que no mundo é seu mesquinho fado
Conduzir, qual se fosse urna funerea,
O proprio brio cadaverisado!

Em lisonja e zumbaias se sublima,
Os valores precarios trombeteando
De qualquer nullo que o olhar de cima,
Por força de desdém, riqueza ou mando.

E vive morto nessa falsa Vida
De escravo do Poder e do Dinheiro,
Aquelle que não sabe que na Vida
O corpo é o que nos morre derradeiro!

GILBERTO DE ANDRADE

A jornalista hungara Ariel Fry, redactora do Jornal Hungaro que circula no Rio e em São Paulo, escriptora interessantissima que faz chronicas que são poemas. E' uma grande amiga do Brasil e dos brasileiros. E é uma hospede bonita, que a gente deseja que se demore muito.

No Parc Royal, quando o senhor Vasco Ortigão fez entrega ao thesoureiro da Casa dos Artistas do cheque de 20 contos, producto da porcentagem da venda festival. Em baixo, no escriptorio da casa Daudt, Oliveira & Cia., quando foi feito o sorteio do concurso do Almanach d'A Saude da Mulher.

A mudança dos escriptorios do "O Malho"

Tendo a firma desta praça Alexandre Ribeiro & C'a. feito vantajosa proposta pelo resto de contracto do predio que occupamos á Rua do Ouvidor, 164, e que resolvemos acceitar, communicamos aos nossos annunciantes, agentes e leitores que, dentro em breve, teremos que mudar os nossos escriptorios. As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", continuarão no edificio proprio, á Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á praça e ao publico em geral, que a Sociedade Anonyma "O Malho" nada deve — vencido, ou a vencer-se — não tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para communicar, ainda, que acceitamos proposta para compra de um predio no centro da cidade, no perimetro comprehendido entre a Rua Buenos Aires e a Rua do Passeio e entre a Rua 1º de Março e a Avenida Passos.

O HOMEM CACETE

QUANDO Ewaldo lhe falou em amôr, o homem teve um sorriso de descrença e sentiu um incontido desejo de explicar áquelle rapaz inexperiente o que era a vida. — Olhe, meu amigo, ter experiencia é descrêr de tudo neste mundo. De amôr, de homens e de mulheres. Principalmente de mulheres...

Tossiu uma tosse grossa e continuou convicto:

— Este mundo está cheio de miserias. Já passei por todas ellas e fiquei conhecendo com exactidão o lado pôdre da vida. Sei que é preciso passar por tudo, que ninguem póde viver sem ter tido muitas illusões, sem ter amado muitas mulheres, louras e morenas, imaginarias e reaes... Quanto mais imaginária é a mulher, tanto menos mal nos causa. Porque eu acho que possuir é matar o encanto. Tudo passa, tudo se anniquila. Tudo nesta vida, principalmente o amôr facil, sem compromissos senão pecuniarios, afinal esse amôr de que você me fala, é uma concepção vertiginosa e louca do espirito.

Ewaldo olhava o copo, ingenuamente embaraçado. Sentia-se como que sózinho deante daquelle homem.

— Sujeito cacete!

Olhou em roda as mesas alinhadas e repletas.

De repente, na onda de bohemios que entravam, viu uma cara de mulher conhecida. Mas não era Martha.

O homem cacete se entretinha agora a estraçalhar com o indicador o rótulo de uma garrafa.

Ewaldo, alheado, reparou-lhe então, longamente, no perfil de aguia. Notou-lhe primeiro o nariz grande e recurvo, depois a barba irritada.

E, sem que soubesse porque, sentiu-se sympathisado. Sabia, entretanto, que lidava com um desses filantes de cerveja e de dez pilas para saldar pequenos compromissos imaginários. Mas não fazia mal, coitado! era um bohemio como todos...

Quiz, então, por camaradagem, reatar o assumpto:

— Sabe? Estou aqui á espera de uma pessôa.

O outro arregalou os olhos, entendido do negocio.

— Já tinha adivinhado. Uma mulher, não é mesmo?

— E'...

E riu, quasi desapontado.

Pediu licença e foi até lá dentro, já meio trôpego, e sentindo-se enjoado. O estomago parecia querer saltar-lhe pela bocca.

— Mas, diabo, por que Martha se demora tanto?

Tinham combinado encontrarem-se no bar, ás dez horas e já eram quasi onze.

— Ella virá?

Apoiou a cabeça no azulejo frio da parede e ficou scismando. Sentia-se bem assim, achava agradavel o frio na cabeça. Procurou uma posição melhor: com a testa bem encostada. Agora... O enjôo até passára.

Coisa exquisita! Quando bebia, lembrava-se sempre daquella phrase effectiva e irritante, de Martha:

— Você é ingenuo, Ewaldo!...

Riu offendido e desapoiou a cabeça do azulejo.

— Ingenuo nada!

Depois pensou:

— Martha conhece todos os vicios e todos os homens deste Brasilão...

A phrase chicoteou-lhe os ouvidos, numa aggressão ao seu amôr proprio:

— Todos os homens...

E reconstruiu, mentalmente, o corpo della. Uns seios muito pequeninos e empinados... uma bocca muito miuda...

Era mesmo uma mulher differente das outras, não havia duvida.

Depois, menos optimista, considerou:

— Sempre assim, differente das outras... Differente o que!...

Agora, abstracto, lembrava-se. Uma noite, quando entrára no quarto de Martha, encontrára-a sentada na cama, a costurar um vestido que lhe rasgára na vespera. Reparou-lhe longamente no perfil triste e abatido. Tinha um narizinho de "viuva alegre" que era mesmo uma boniteza. E, depois, uns olhos...

Elle não poude resistir. Alcançou-lhe a bocca num beijo exaggerado que lhe punha arrepios em todo o corpo.

— Você é linda!

Mas largou-a logo, desapontado. Ella, fria, não correspondêra á quentura do beijo. Parecia uma boneca de pedra.

Ewaldo riu, com odio. Tinha um desejo incontido de sahir para a rua e de mandar aquella mulher para o inferno...

— Que historia é essa, hein?

Martha ficou quieta, sem responder, com uma tremura inconsciente nos labios. Elle, então, teve dó e perguntou-lhe ternamente, escorregando os dedos nos seus braços roliços:

— Você está doente, não está?

Martha alongou os olhos tristes para elle e teve "um não" quasi irritante. Pela primeira vez Ewaldo sentiu que seria capaz de esbofetear uma mulher. Teve ganas de crispar os dedos naquelle pescoço de cysne, apertar... apertar...

— Eu não comprehendo essa mulher!

Mais calmo, foi debruçar-se na janella. Ficou olhando a noite, alheado. Reparou que o luar dava uma côr leitosa e linda na parede caiada. Depois, numa estrella, lá muito no alto, que parecia mais vermelha do que todas...

Longo tempo scismou na estranha attitude de Martha. Mas não achava uma explicação, as idéas turbilhavam-lhe na cabeça, sem sahida, concentradas no indecifravel.

(Termina no fim da revista)

JUAREZ FELICISSIMO

O monumento a José de Alencar, inaugurado em Fortaleza, no Estado do Ceará; junto ao imponente trabalho estão Humberto Cozzo, esculptor e Gilberto Camara, promotor da erecção da estatua.

A certidão de baptismo do grande romancista.

No Alagadiço-Novo, em Mecejana. A casa que se vê na gravura foi o berço de Alencar. Hoje é uma Escola que tem o nome do autor de "O Guarany".

De Elegancia

A ESQUINA de Ouvidor páro a comprar um jornal, quando o meu amigo X., que eu já avistára de longe, approximou-se de mim. Reparo que não vem só. E não é demais que isso se dê.

— Casualidade felicissima — disse-me elle.

Ao que retorqui eu:

— Sempre superlativando.

— E a minha amiga cada vez mais seductora.

— Se eu lhe respondesse que é incorrigivel, diria de prompto outra amabilidade. Não terminariamos, assim, o rosario...

— Está de chapéo na mão. Ponha-o, de novo, á cabeça e não se esqueça de apresentar-me ao seu amigo.

— O meu companheiro...

— Isso de companheiro e companheira, parece coisa de communista?

— Está você a querer commental-o numa tarde tão doce, de tão suave temperatura, de céo tão azulado. O nosso encontro, minha doce amiga...

— Está a egualar-me á tarde?

—... é providencial. Você entende das cousas da moda. Eu e o meu camarada...

— Camarada tambem é de communistas. Diga amigo...

— Não perco vaza para agradar ás mulheres em geral e á minha dilecta amiga em particular. Cedo: o meu amigo e eu vinhamos observando que as mulheres que nos parecem elegantes não vestem mais as mangas dos casacos. Atiram-nos por cima dos hombros. Não resta duvida que é "chic". Mas não creio que seja assim, tão pratico. Explique-nos, favoreça-nos a natural curiosidade com os seus conhecimentos do caso.

— Explicar porque as mulheres deixam pendentes as mangas dos casacos que foram feitas para ser enfiadas nos braços? Nada mais facil. Isso não obedeceu á regra da mais conceituada casa de Paris, nem, talvez, ao gesto de uma artista de cinema. E' de suppôr que, por pressa, ou por "nonchalance", alguem atirou a capa aos hombros. Veiu á rua ou appareceu, assim, no theatro. Não ficava nada mal. Muito pelo contrario. Gostaram as outras da innovação que suppuzeram decreto da moda. Copiaram. E hoje é o que se vê: poucas vestem as mangas do casaco.

— E por que não os fazem sem mangas?

— Medida economica? Mas é que ellas preferem mostrar que lhes não falta panno para mangas.

Passa por nós "Miss" Bahia. E passa socegada, sem os apertos e sem despertar a curiosidade que um mez antes despertava. Sorri-nos com os seus dentes muito brancos e muito meúdos. E, embora as manifestações publicas á belleza sempre envaideçam as mulheres, tive a impressão que Nair Pedreira de Freitas estava bem contente de passear sem os atropelos e a grita que a notoriedade do bello physico feminino provocou.

Logo depois, Bastos Tigre. Diz-nos algumas palavras amaveis. E eu aproveito o encontro e lembro ao humorista que me deve um "interview" para a minha secção "De Elegancia".

— Suppuz que já tivesse parado com isso.

— Não. Tive, apenas, de fazer pequena interrupção. Ainda ha muito que dizer, ou melhor, ainda ha muita gente para dizer cousas interessantissimas sobre a moda. E o meu amigo dirá tambem com muita graça...

— Lisonjeira.

— Um pedido...

— Vamos lá.

— E' que principie Bastos Tigre a série de considerações que eu pretendo encaixar nesta pagina, sobre tintas...

— "Maquillage"?

— Não. As que tingem os tecidos. Concorda?

— Está feito.

Partiu elle. E eu, que tinha de ir á recepção de Elóra Possólo, ao "cocktail champagne" que ella offerecia, no Gloria, á imprensa, tratei de interessar o meu amigo X:

— Vamos. Elóra Possólo escreve no "Globo" e vae dar-nos, hoje, á tarde, o prazer de ouvir-lhe os versos de "Alma Serena" e a prosa de "Sinceridade e Ironia".

— Tudo isso é muito agradavel. Mas não vou.

— Não vae por que? — Affazeres.

— Não tive essa impressão quando o encontrei com o seu companheiro.

Sorriram-lhe os olhos expressivos, e elle falou:

— Ahi está o impasse. Apresentei-lhe o meu companheiro. Você diria, apresentando-me aos seus conhecidos: o meu companheiro, X?...

— Demonio!...

E segui, sózinha, a sorrir da tirada do meu amigo e a pensar que elle, decerto reparára que eu estava como as outras, de capa por cima dos hombros e mangas fóra dos braços...

Os figurinos de hoje: um "manteau" para tres vestidos. O "manteau" é de popeline "beige", guarnecido de recortes, tom sobre tom.

O primeiro vestido é de crêpe setim "beige" e recortes da parte fôsca do panno.

O segundo, de lã "beige" salpicada de vermelho e cinto de couro vermelho.

O terceiro, de crêpe estampado "beige", vermelho e azul.

Secção de agulha:—Grosso bordado "Richelieu", para almofada, caminhos de mesa, "abat-jour", etc.

Linho grosso e linha lustrosa para o festonado.

Na proxima chronica: notas de A. Dorét.

SORCIERE.

Juramento da farda dos alumnos da Escola de Instrucção Militar 281, do Gymnasio Moura Santos, em São Paulo — Ao centro, Yolanda Amaral, madrinha do Tiro, filha de Amadeu Amaral, que está ao lado.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

O homem cacete

(Conclusão)

De repente, Martha chamou-o, afflicta:

— Olhe, Ewaldo, venha ver! Venha ver!

Tinha uma supplica na voz.

Elle se voltou amuado. Não queria ver nada, ora bolas! Ella, porém, insistia, chorosa. Estava agora deante delle, pallida, quasi sem poder falar, mostrando-lhe a mão. A agulha, com que costurava, tinha-lhe atravessado o indicador de lado a lado.

Então, uma onda de ternura apoderou-se de Ewaldo. Tomou a mão de la nas suas e retirou a agulha de um arranco, nervoso.

— Você é forte, hein?

Com a bocca sugou-lhe o ferimento, de onde reçumava uma rubra gotta de sangue.

Ella estava calma, somente o sangue parecia assustal-a.

— Exquisito! Não senti a menor dôr... Nada, nada!

— Não póde ser, Martha!...

Ella ria camarada.

— Quer vêr?

Pegou na agulha e golpejou muitas vezes o dedo, com firmeza. Estava com a physionomia impassivel, mas tinha medo de olhar o sangue.

Ewaldo ficou pasmado e surpreso. Fixou os olhos nos della.

— Não creio... Deixe vêr.

Examinou-lhe os ferimentos com o interesse de um medico. Depois, quiz tirar uma prova em si mesmo. Tomou a agulha, meio ensanguentada, e feriu fundo a palma da propria mão.

Mas teve um grito horrivel, de dôr.

Accendeu um cigarro e voltou para a mesa como um somnambulo. Sentia-se angustiado e irritadiço.

O outro tinha pedido mais uma garrafa de "whisky" e parecia estar bebado, olhando o vacuo.

— Não bebe mais?

Ewaldo estendeu a mão, procurando o copo.

— Puro... Póde encher. Gosto de "whisky" puro.

A orchestra deu os primeiros accórdes de uma musica conhecida.

Não havia duvida: Martha não vinha. Agora, acompanhava a musica em surdina!

Mi chiamano Mimi
ed il perchè non son.

— Lindo!

O outro, como que acordou. Achou lindo tambem, por camaradagem.

— Já assisti isso no Municipal do Rio. A opera mais bella de Puccini, não acha?

— Falar verdade, meu caro, eu nunca a assisti. Sei esse trecho...

Olhou em redor como que procurando alguma coisa.

— ...sei esse trecho por causa de Martha. Ella canta sempre. Uma verdadeira mania...

O homem arregalou os olhos e tirou o copo da bocca.

— Martha?! Uma italiana que chegou ha pouco de São Paulo?

— Essa mesma. Por que? Você a conhece?

— Não sei... póde não ser a mesma... acredito que não seja a mesma...

Ewaldo achou graça naquelle embaraço.

— Martha Morelli, é essa?

Virou meio copo de uma vez e olhou o homem: elle estava pallido e tinha um rictus de espanto na bocca.

— Essa mulher!... Você não sabia?! Você não sabia?!

Ewaldo sentiu seu amor proprio offendido. Teve até uma ponta de ciume.

— Sabia o que, homem?

O outro fez menção de levantar-se.

— A policia suspeitava della... Foi presa hoje e submettida a exame medico: morphetica, declaradamente morphetica. Já fez muitas victimas, por crueldade, a bandida!

Ewaldo cravou os olhos nos do homem. Viu duas caras, uma como que fundida na outra... Depois, num esforço enorme procurou concentrar as idéas. Lembrou-se vagamente da noite em que Martha golpeára a propria mão com a agulha, sem sentir a menor dôr. E aquella mesma agulha...

Mas tudo se embaralhou na sua memoria e elle cahiu de cara na mesa, literalmente embriagado.

Maio de 1929.

JUAREZ FELICISSIMO

(Especial para o "Para todos...").

•

Amor e sonho

(Conclusão)

por elle que jámais acreditaria no seu amor. Teve noites de insomnia, de cruel tortura, em que reflectia na possibilidade do seu casamento com elle. Que seria preferivel? Ficar com Carlos, embora elle a cada momento sentisse ciumes de todos os homens fortes e perfeitos, ou abandonal-o para lhe evitar este soffrimento? Finalmente resolveu: iria ter com o ente querido, dizendo-lhe o quanto o amava. Numa tarde de Maio ella foi á casa de Carlos e lá o encontrou pallido e abatido. Quando viu Dulce, a expressão do seu olhar se tornou dura — vão esforço para esconder a humilhação que sentia...

A moça apparecia deliciosa de mocidade e belleza, e foi apaixonadamente, com o orgulho do seu amor, que ella lhe disse:

— Carlos, se você ainda me ama, eu serei a creatura mais feliz, se me acceitar como sua mulher.

— Sim, Dulce, amo-te, mas não tenho este direito: assim o maior bem que me pódes fazer é não te preoccupares commigo.

Falara com amargura, senão com desespero, mas Dulce tomou-lhe a mão, segurou-a fortemente e respondeu-lhe com firmeza:

— Carlos, juro pela minha mãe, que o amo com todas as forças e que, se você não me quer, procurarei a morte.

Carlos comprehendeu a firmeza da sua resolução; venturoso, pelo menos neste momento, tomou-a nos braços e beijou-a nos labios.

Finalmente Dulce era feliz; o seu sonho de amor se convertera em realidade, e esta realidade jámais deixaria de ser um sonho. E por que? Graças á desconfiança que elle teria por ella, graças ao medo de a perder que o perseguiria sempre, o seu amor conservar-se-ia atravez dos annos, tão bello e immenso, como neste momento.

■

■

Poema pra desconhecida que passou

Tu passaste pela minha vida
como uma visão de luz!...

E eu esperei que o seu olhar
se repetisse...

E eu esperei que o seu sorriso de novo desabrochasse...

E eu esperei
o seu Amor...

... o seu Amor que nunca
mais me veiu!...

ARCENIRO MYRÉA.

A mudança dos escriptorios do "O Malho"

Tendo a firma desta praça Alexandre Ribeiro & Cia., feito vantajosa proposta pelo resto de contracto do predio que occupamos á Rua do Ouvidor, 164, e que resolvemos acceitar, communicamos aos nossos annunciantes, agentes e leitores que, dentro em breve, teremos que mudar os nossos escriptorios. As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", continuarão no edificio proprio, á Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á praça e ao publico em geral, que a Sociedade Anonyma "O Malho" nada deve — vencido, ou a vencer-se — não tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para communicar, ainda, que acceitamos proposta para compra de um predio no centro da cidade, no perimentro comprehendido entre a Rua Buenos Aires e a Rua do Passeio e entre a Rua 1° de Março e a Avenida Passos.

Philosophia

— Eu bem sabia que o mal havia de vir. Que fazer? — O coração não é uma força que pensa. E' a fibra que sente. O caso, Sr. delegado, eu lhe conto assim: Eu não gostava do homem da clarineta. Não gostava, porque o homem vivia se gabando de que era feliz... E o era mesmo! Mas, de uma felicidade tal que chegava a ser insolencia! Ora, eu sou humanamente imperfeito. Ou, como queiram, um monstro. Por isso, nunca pude perdoar-lhe o ser escandalosamente optimista, quando a minha vida amargava de perfidias. Myriam, a minha filhinha, era a scentelha de sol que illuminava a minha alma barbara. Morreu. Morreu com ella a razão de ser da minha vida.

Perguntei a mim mesmo: "Folha secca, que fazes pela estrada...?"

Vae ver como a sorte é de uma ironia feroz: justamente, nesse dia é que vou encontrar o homem da clarineta. Elle não disse nada. Lá isso é verdade, Sr. delegado. Não disse nada! Morreu, surpreso de que ia morrer...

Todavia, não era um insulto, aquella sorte vadia em face da minha dôr!?

DIVA NOGUEIRA.

"Cinearte" em Batataes

A sessão do Santa Helena em homenagem a "Cinearte"

Mais uma homenagem de grande significação moral foi prestada, desta vez ao Theatro Santa Helena, de Batataes, em São Paulo, á luxuosa revista "Cinearte", o mais autorizado orgão cinematographico da America do Sul.

O senhor Adelino Simioni, socio-gerente daquella excellente casa de diversões, que tão bem serve aos seus frequentadores, quer em conforto, quer em escolhida programmação, esforçou-se grandemente para que a distribuição gratuita de "Cinearte" no seu salão constituisse, como constituiu, uma "soirée" de verdadeira arte.

A senhorita Mandi Da Sacco, que ganhou o quadro, original da capa de "Cinearte", sorteado no Santa Helena, ladeada pelo socio gerente do mesmo theatro, senhor Adelino Simioni, e o representante da Sociedade Anonyma "O Malho", senhor Oscar A. de Mello Moraes.

Outra sessão em homenagem á nossa revista, e tambem ao Santa Helena.

As festas a Jeanne D'Arc

(CONCLUSÃO)

Este anno, porém, quizeram reconstituir a volta triumphal do 7 de Maio de 1429. Uma reconstituição historica é sempre coisa delicada e perigosa. Parece quasi sempre uma mascarada deploravel, um cortejo de Carnaval. Nada disso aqui. Cercada de archeiros, de soldados armados de pique e de artilheiros de bella apparencia, precedida de longas tubas tocando fanfarras antigas, seguida pelo Bastardo de Orleans e por outros rudes capitães, eis que surge, montando um cavallo branco enfeitado de flores de lys, a mais surprehendente e radiante evocação da "Pucelle" que se póde imaginar. Depois de tantas Jeannes D'Arc vulgares ou feias, cabotinas ou velhas, eis-nos emfim apresentada a heroina dos nossos sonhos, sob os traços de uma moça de dezesete annos, Mlle. Nicole Chavane de Dalmassy, que se prestou este anno a incarnar aquella de quem é encantadora descendente. Graças lhe sejam dadas ! Aquelles que viram surgir, nessa noite estrellada, nas ruas profusamente illuminadas, por entre acclamações de um povo inteiro, essa apparição magica, jámais esquecerão esse instante.

Quanto a mim, subitamente mais moço de cinco seculos, encontrei de repente a velha palavra com que foi saudado outr'ora o cortejo e gritei: "Natal ! Natal !" — com que fervor commovido — diante da guerreira pallida e sorridente.

Noite admiravel de 7 de Maio de 1429, em que os Inglezes abandonaram todas as bastilhas de Orleans ! E ao despontar o dia, Orleans estava livre e a França salva. Da sua torre de Saint-Pierre-Empont, os vigias viram desapparecer na luz livida da madrugada, os vencidos apavorados.

Jeanne, avisada, corre á porta Renart. Já os homens d'armas, fazendo abrir as portas ao nascente, formavam em companhias fóra da cidade para perseguir os fugitivos. A "Pucelle", porém, detem-nos: "Em nome de Deus, já que elles vão para a sua patria, deixemol-os ir. Não os persigam mais".

Ah ! como ella é bem nossa ! Como incarna bem a nossa França, esta guerreira tão humana que, victoriosa, não se quer aproveitar da sua victoria e, depois de ter declarado aos invasores: "Eu não os odeio, mas voltem á sua patria", acha inutil, tendo-os em seu poder, anniquilal-os por completo !

Assim procedeu Foch, cinco seculos mais tarde...

E, no dia seguinte, "partiu a "Pucelle" e foi ao Rei dar-lhe noticias do seu nobre trabalho", termina o Diario do Cerco.

"Antes, porém, despediu-se dos habitantes de Orleans, que choravam de alegria e agradeciam-lhe muito humildemente, offerecendo suas pessoas e seus bens á sua discreção... "o que ella agradeceu com muita bondade". As despedidas tiveram logar durante uma procissão improvisada pelo enthusiasmo popular. Nas igrejas, onde a cidade inteira tinha ido dar graças aos Céos pela sua libertação, formou-se um cortejo immenso que, pelas ruas e pela ponte de arcos mal seguros, alcançou as "Tourelles" ainda incendiadas. Jeanne estava entre a multidão, vestida com uma simples cotta de malha, pois o seu ferimento da vespera, muito grave, não lhe permittia vestir a armadura. Melhor que a multidão, cujas acclamações sem fim acalentavam seu cansaço e seu padecimento, a virgem divina sabia bem o alcance dessa libertação, sabia que Orleans nas mãos dos Inglezes, o resto do reino ficaria muito prejudicado. Entretanto, em vez de se abandonar ás delicias do triumpho, ella já pensava no seu proximo emprehendimento: "Fazer com que o Rei fosse coroado e sagrado em Reims".

Mais ainda que o "Natal ! Natal !" do povo de Orleans, ella ouvia o chamado imperioso das suas Santas: "Vae, filha de Deus ! Vae, vae, vae !"

Orleans nunca olvidou essas horas inesqueciveis. Emquanto que em toda a parte, Jeanne D'Arc, depois do supplicio de Rouen, era esquecida pelos seus compatriotas, a sua memoria foi sempre venerada na cidade que ella libertou.

Renovava-se sempre, na data anniversaria, o piedoso agradecimento de 8 de Maio de 1429. No anno seguinte ao do levante do cerco, a cerimonia improvisada antes na febre da victoria, foi organizada. "Uma procissão foi ordenada para o oitavo dia de Maio, devendo ir até os "Augustins" (perto do forte de "Tourelles") e passar no local de todos os combates". Os doze procuradores da da cidade". Haveria sermão em "Sainte-armas da cidade. As reliquias das igrejas seriam carregadas, principalmente as de monsenhor Saint-Agnan e Saint-Euverte, "que foram guardas e protectores da cidade. Haveria sermão em "Sainte-Croix", para onde se voltaria. "Que seja continuada esta santa procissão e que nunca seja abandonada !" era o voto do bom chronista que havia sido testemunha do cerco na sua mocidade e que, já velho, relatava esse cerimonial. Este desejo se realizou. A procissão da libertação de Orleans de que se commemora hoje o quinto centenario, é uma das poucas festas da longinqua Idade Media que chegaram até nós. Em 1562 a tradição foi interrompida pelos calvinistas, senhores da cidade, e mais tarde pela Revolução. Supprimida em 1793, depois de ter sido destituida de todo e qualquer caracter religioso dois annos antes, a procissão secular foi restabelecida em 1803 pelo Primeiro Consul que acompanhou a sua decisão com estas palavras lapidares: "A illustre Jeanne D'Arc provou que não ha milagre impossivel ao genio francez quando a independencia nacional

está ameaçada. Unida, a nação franceza não póde ser vencida". Verdade que os Francezes gostam muito de esquecer!

Depois disso, as convulsões civis, sem interromper, entretanto, a renovação annual da cerimonia, modificaram, por vezes, os seus detalhes. Depois da revolução de 1830, a procissão se effectuava exclusivamente dentro da cathedral. Depois, em 1848, o cortejo que, desde 1840 ia até ás "Tourelles", teve de se limitar de novo, durante quatro annos, ao interior de "Sainte-Croix". Sómente as autoridades civis e militares podiam ir até o antigo forte. Emfim, em 1908, por ordem do governo, cheio de anticleriçaes, a cerimonia que, desde 1852 se effectuava na integra e em toda a sua unidade, foi dividida em tres partes. Um cortejo civil, um cortejo militar, um cortejo religioso deviam circular na cidade, cada um do seu lado, reunindo-se apenas na praça de "Martroi", diante da estatua de Jeanne, dispersando-se em seguida, como se da sua reunião podessem sobrevir as peores calamidades. O bom senso dos Orleanezes acabou com essa palhaçada. E se as homenagens militares e religiosas se effectuam successivamente em vez de serem simultaneas como outr'ora, todas as familias espirituaes da cidade commungam, neste dia, na mesma fé, atraz do estandarte branco com flores de lys de ouro.

Mais do que isso! Este anno, todas as forças espirituaes da nação estão associadas na procissão que retomou, finalmente, a sua indivisibilidade secular. Prova-o a presença do presidente da Republica Franceza, seguido do presidente do Conselho e membros do governo que seguem escoltados por soldados, atraz dos officiaes municipaes e adiante dos padres, no immenso cortejo religioso civil e militar. Hoje, o chefe do Estado não receia compromettter-se acompanhando uma procissão, de caracter nacional, ou assistindo, como esta manhã na cathedral de Orleans — numa attitude edificante — a um officio pontifical ao lado de sete cardeaes e de cincoenta bispos. Que os estrangeiros se convençam disto! Os Francezes não estão mais dispostos a perder seu tempo entre-devorando-se. A guerra varreu de uma vez os miasmas empestados das guerras intestinas. Os que conheceram a fraternidade das trincheiras fizeram o juramento de manter a patria sempre unida.

A procissão marcha lentamente ao som de canticos:

"Chantez, ô le clergé et messieurs les bourgeois,
Commune d'Orleans, élevez votre voix.
Em remerciant Dieu et la Vierge sacrée
Quand, jadis, à tel jour, huitième de ce mois,
Regarda em pitié le peuple orléanois"

Repetiam outr'ora, seguindo o cortejo. E emquanto esse cortejo se approxima, obedecendo ao conselho do bom Eloy d'Amerval, instinctivamente ponho-me a psalmodiar alguns versinhos e motetos, cantados a essa mesma hora durante tanto tempo e que ligam fortemente um peregrino de 1929 ao povo do seculo XVI:

"A la douce prière
Dont le Roy Dieu pria,
Vint Pucelle bergère
Qui pour nous guerroya.

Par divine conduite
Anglais tant fort greva
Que tous les mit en fuite
E le siège leva".

A fanfarra do 8º regimento de caçadores a cavallo annuncia a passagem da procissão. Em mim, o soldado se alegra, mas o tradicionalista sente a falta das "échelettes", campainhas argentinas que tilintavam, antigamente, nas ruas de Orleans, quando o cortejo apparecia. Depois vêm as delegações. E' impossivel não lastimar que os gymnastas, os bombeiros, os veteranos e as sociedades coraes não estejam separados uns dos outros pelas vinte e seis reliquias deslumbrantes que, durante dois seculos, cento e quatro homens carregavam na vanguarda da massa popular. Mas as reliquias tão bellas foram quebradas durante as guerras religiosas e dispersadas aos quatro ventos. Resignemo-nos, pois, a ver desfilar sem interrupção as sociedades de salvadores condecorados e as sociedades de soccorros mutuos, tanto mais que essa boa gente desfila de modo marcial e com muita coragem debaixo de uma chuva implacavel que não consegue estragar a festa grandiosa.

Depois dessas innumeras associações, vêm as municipalidades de Orleans e das cidades jeannicas. Ao passarem, os fraques funebres e as cartolas ridiculas, evocam-se — com que saudade! — aquelles officiaes municipaes vestidos de escarla-

ta e velludo negro que antigamente davam uma nota tão alegre. Em vez desses guarda-chuvas ridiculos, embora necessarios, que tornam feios todos os braços, por que não substituir em imaginação o treme-luzir dos cirios em ambas as mãos ? "Cada um deve ir á dita procissão com um cirio ardente na mão". Como devia ser bella essa floresta de cêra virgem, balançando-se acima desse mar humano ! Para que vos apagaram, cirios ardentes e tochas gigantes, de cêra vermelha ou dourada, de que estavam cheias as ditas procissões ? Por que não deram ramos a esses pequenos orphãos que não sabem o que fazer das mãos, como era costume antigamente a cidade offerecer áquelles que tomavam parte no piedoso desfile ? Os meninos do côro das diversas parochias estão, sem duvida alguma, muito bonitinhos com os seus gorros vermelhos. Mas ficariam ainda melhor com os chapéos de flores, as corôas de violetas mescladas de ouro, que enfeitaram até o fim da monarchia, o rosto risonho de seus maliciosos predecessores.

Felizmente vêm para alegrar os olhos e a imaginação, a cohorte dos advogados de toga preta e "rabat" branco, os magistrados de gorro vermelho, os officiaes cujo uniforme é do mesmo azul que se desejaria tanto ver brilhar hoje acima da cidade. Eis os deliciosos pagens de calças verde claro formando a guarda de honra do estandarte de Jeanne D'Arc, representantes dos "Puceaux" que durante tres seculos preencheram o logar da "Pucelle" nas procissões de 8 de Maio. Depois, atraz dos suissos vistosos e das commungantes das parochias, cuja alvura se harmoniza tão bem ao vermelho dos meninos de côro que as enquadram, vêm os baculos dos bispos, cujas batinas roxas succedem-se ininterruptamente; eis emfim a purpura deslumbrante dos cardeaes. Ao passar o magnifico cardeal Luçon os olhos enchem-se d'agua e prorompem os applausos; apezar dos seus oitenta e sete annos e do máo tempo, quiz acompanhar essa procissão de sete kilometros. E', como Jeanne, da raça dos guerreiros e dos santos.

No meio desse fogo de artificio de todas as côres, um grupo sombrio attrae todos os olhares. Precedendo o presidente da Republica Franceza, caminha gravemente o embaixador da Inglaterra em França que "acceitando o mais nobre encontro a que o passado nos póde convidar", — como o devia dizer o Sr. Gabriel Hanotaux algumas horas mais tarde, — veiu render homenagem solemne áquella que os Inglezes queimaram em Rouen. Os nossos visinhos d'além-Mancha nunca perderam occasião, sempre que o podiam, de fazer o seu "mea-culpa".

A 8 de Maio de 1857, fazendo na cathedral de Orleans o panegyrico de Jeanne D'Arc, o bispo inglez de Edimburgo, monsenhor Gillis, declarou: "Venho dentre aquelles que queimaram Jeanne inscrever no templo de sua memoria a confissão do crime dos meus antepassados e depôr aos pés da sua santa imagem a offerenda tardia de uma raparação". Um outro prelado britannico affirmou, de um modo mais espirituoso, do pulpito de Sainte-Croix: "Cauchon ! Ah ! como esse bispo tinha um nome apropriado !" E Rudyard Kipling concluia em 1915, na sua bella "Mensagem á França": "Perdoamo-nos reciprocamente as nossas faltas e o velho crime imperdoavel da praça do Mercado Velho de Rouen". Olhando o povo francez que o cerca e o acclama, sir William Tyrell póde ter a convicção que o velho crime imperdoavel está hoje bem perdoado.

Finalmente, depois do grupo calvo dos cincoenta bispos e a fila escarlate dos sete cardeaes, cercado pelos sumptuosos Cavalleiros do Sepulchro, cuja longa capa branca tem uma soberba cruz de Malta, atraz dos seus brilhantes camareiros, o nuncio apostolico adianta-se. Em que pensa elle, emquanto abençôa o povo, a sua physionomia tão cheia de luz ! Talvez esteja se lembrando que ha pouco, quando foi cumprimentar o Sr. Doumergue na camara municipal, as bandas militares francezas tocaram o "Hymno Pontifical" depois da Marselheza...

Isto tambem é uma bella victoria de Jeanne D'Arc... Uma hora depois, na praça do "Martroi", trementes da mesma emoção, o presidente e o nuncio, agradecerão á "Pucelle", quando o admiravel marechal Pétain, rodeado de todas as bandeiras e estandartes do 5º corpo de exercito, virá saudar com a espada a estatua de Jeanne, enviando á Libertadora de Orleans o mesmo olhar com que elle agradeceu aos libertadores de Verdun.

E emquanto se desenrolam essas ceremonias, nas ruas de Orleans onde a imagem da "Pucelle" se encontra a cada passo: nos "cotignacs" e nas auriflammas, nos livros e marcadores, um povo immenso e fervoroso communga na mesma fé. Oh ! bem sei ! Estes homens que se acotovelam para olhar o desfilar dos cortejos têm, na sua vida de todos os dias, interesses muitas vezes oppostos. Este agricultor da "Beauce", ainda hontem talvez se alegrasse com o encarecimento dos grãos, o que prejudica este operario palido. Mas tambem sei que hoje, um ao lado do outro, elles empallidecem da mesma emoção diante da evocação de uma gloria que os une, de uma victoria necessaria á sua prosperidade. Ah ! se os Francezes quizessem comprehender a fraqueza do que os separa, a força do que os une !...

E' necessario tirar de cada hora a lição apropriada. Qual o beneficio dessa ceremonia ? A mais nobre vontade de união sagrada. Pelo que ella fez em Orleans, Jeanne D'Arc lembra aos Francezes a necessidade dos esforços communs para salvar a nação. "Estavam muito unidos para defender a cidade", relata o Diario do Cerco de 1429. Ahi está o segredo de toda victoria, quer pacifica quer guerreira. Guardemos a lição de Jeanne: "Francezes desunidos, supplicava, perdoae-vos de todo o coração". Depois de discordias civis absurdas, depois de annos mediocres em que, sob a influencia de dirigentes máos e cheios de odio, os Francezes não se amavam, resurgiu a cohesão sublime em Agosto de 1914 sob a ameaça do perigo. Durante quatro annos, nos campos de batalha, muitos irmãos outr'ora inimigos, comprehenderam o horror das luctas fratricidas. Commungaram na mesma fé.

Eis, porém, que depois da paz, politicos perversos tentaram novamente impellir o professor contra o padre, o operario contra o camponez. Mas aquelles que tomaram parte na guerra estrangeira não permittirão mais aos que a não fizeram, de tentar guerras civis. A União sagrada deve perdurar. Não ha tratado de paz mais bello que o de Orleans, onde uma vez por anno todos os Francezes se reconciliam em volta do estandarte de Jeanne D'Arc. Não deixemos de o renovar a cada 8 de Maio. "Em nome de Deus, Francezes desunidos, perdoae-vos de todo o coração !" Não permittamos que este grito caia no esquecimento. Não recomecemos amanhã as faltas de hontem ! Em nome dos nossos Grandes Mortos, isto não póde ser tolerado, nem hoje nem amanhã, nem amanhã nem nunca.

ROLAND EUGERAND.

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.
VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.
MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.
L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial; a melhor revista no genero.
REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.
LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.
LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.
CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.
LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.
HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pittoresca e autorisada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.
GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol semanal.
EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.
MACACO — Jornal das creanças, contos infantis, pintura.
NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.
MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.
LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.
ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.
MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.
CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.
PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.
EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.
PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

Officinas Graphicas d'O MALHO